



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

TIFANNY DE SANTANA LACERDA GRANJA

**CONFLITOS E TENSÕES ENTRE ORGANIZAÇÕES CRIMINOSAS NA
AMAZÔNIA BRASILEIRA (2018-2022)**

JOÃO PESSOA

2023

TIFANNY DE SANTANA LACERDA GRANJA

**CONFLITOS E TENSÕES ENTRE ORGANIZAÇÕES CRIMINOSAS NA
AMAZÔNIA BRASILEIRA (2018-2022)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Graduação em Relações Internacionais do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof^a Dr^a Marcos Alan S. V. Ferreira

JOÃO PESSOA

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

G759c Granja, Tiffany de Santana Lacerda.

Conflitos e tensões entre organizações criminosas na Amazônia brasileira (2018-2022) / Tiffany de Santana Lacerda Granja. - João Pessoa, 2023.

52 f. : il.

Orientação: Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat Ferreira.
TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Crime organizado transnacional. 2. Violência - Brasil. 3. Amazônia brasileira. I. Ferreira, Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 327

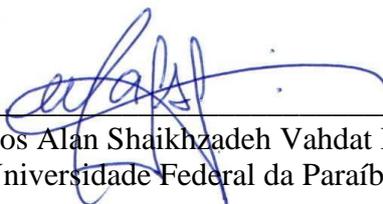
TIFANNY DE SANTANA LACERDA GRANJA

**CONFLITOS E TENSÕES ENTRE ORGANIZAÇÕES CRIMINOSAS NA
AMAZÔNIA BRASILEIRA (2018-2022)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel (a) em Relações Internacionais.

Aprovado(a) em, 30 de outubro de 2023

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat Ferreira – (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB



Anna Beatriz Ramalho Gonçalves
Secretaria de Administração Penitenciária - MA

AGRADECIMENTOS

*“So goodbye yellow brick road
Where the dogs of society howl
You can't plant me in your penthouse
I'm going back to my plough”*
Goodbye Yellow Brick Road – Elton John

Com esse trabalho encerro minha jornada na graduação. Essa trajetória foi repleta de desafios, aprendizados e oportunidades. Sou grata pelas experiências vividas na universidade, por todo o conhecimento que adquiri e pelas amizades que fiz durante esse processo.

Agradeço primeiramente a meus pais, Sunamita e Rinaldo, por todo o suporte estrutural e afetivo que possibilitou a minha vinda para João Pessoa, minha formação não seria possível sem o apoio de vocês. Agradeço aos meus irmãos, Kaio e Isabella, por todo o amor e carinho.

A meus avós, que foram fundamentais para minha formação, em especial meu avô Valdo que sempre foi um pai para mim e o meu maior exemplo de luta e determinação. Aos meus tios, por o incentivo que recebi de vocês. Aos meus primos pelo o afeto e carinho, em especial a minha prima Mariana, que mesmo há 2.240,1 km de distância sempre se fez presente, em todos momentos da minha vida e muito me apoia. Agradeço também a minha madrastra Viviane e ao meu padrasto Carlos pelo o apoio.

Aos meus gatos: Ximbica, Margot, Sushi, Duque, Amy, Mima e em especial a meu gato Siriús que foi por todos esses anos meu suporte emocional e é a alegria dos meus dias, ao gato Fluffly e o cachorro Luke, os quais sinto uma imensa falta.

Ao meu namorado e melhor amigo, João Victor, que está comigo desde o início da graduação e muito me apoiou durante esse processo e durante a elaboração desse trabalho. Agradeço pelo incentivo, apoio, paciência e amor.

Agradeço ao meu orientador, Prof^a Dr^a Marcos Alan S. V. Ferreira, pela oportunidade, paciência, suporte e apoio na elaboração deste trabalho. Sou grata pelo o compartilhamento do seu conhecimento e tempo.

As minhas amigas de Araripina, Thuany, Isadora, Madu, Rita, Bruna e Maria, vocês muito me inspiram.

A todos os amigos que fiz durante a graduação, foi incrível viver a experiência universitária ao lado de vocês! Agradeço a Paola a quem compartilho todos os momentos banais da minha vida e também os de angústia, obrigada pelo apoio e carinho. A Maria Deusdédite por estar comigo durante esse processo, por me ouvir e pelas risadas. A meus amigos, em especial a Ana Pollinny, Ellen, Isabela, Lúcio, Lóis, Thais, Carlos, Julieta, César Aretha e Mafê.

Ao grupo de extensão do Teatro político Interna-só-na-mente, a qual fui membro durante boa parte da graduação e pude entender o papel da arte na sociedade e na construção da paz, como disse o Boal “Ser humano é ser artista”. Ao IDeF onde tive as melhores experiências acadêmicas e desenvolvi diversas habilidades. A Líderi Jr, que muito contribuiu com a minha formação e que me trouxe diversos momentos bons.

Aos docentes que marcaram minha trajetória, Mariana Baccarini, Liliana Fróio e Eliane Surpeti, Tulio Henrique e Lucas Milanez.

Agradeço também a Taylor Swift, suas músicas me inspiram e descrevem tantos momentos da minha vida! Ao David Lynch cujo os filmes sou obcecada. Por fim, agradeço a mim por não ter desistido e ter conseguido concluir esse ciclo “the dog days are done”!

From sprinkler splashes to fireplace ashes
I gave my blood, sweat, and tears for this

[...]

Cause there were pages turned with the bridges burned

Everything you lose is a step you take

So make the friendship bracelets

Take the moment and taste it

You've got no reason to be afraid

You're on your own, kid

Yeah, you can face this.

- Taylor Swift, 2022.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo explorar o desenvolvimento dos conflitos entre organizações criminosas na Amazônia brasileira. A região protagoniza confrontos entre distintas facções como o Primeiro Comando da Capital (PCC), Comando Vermelho (CV) e Família do Norte (FDN). As disputas giram em torno do domínio de rotas de tráfico presentes na região, com destaque para a Rota do Solimões. Tais conflitos resultaram em um crescimento acentuado dos índices de violência direta na região. Esse estudo tem como delimitação temporal o período de 2018 a 2022, com o objetivo de explorar o desenvolvimento do confronto durante esse intervalo de tempo e demonstrar seus impactos na sociedade local. Este trabalho possui como matriz teórica os Estudos Para a Paz e está fundamentado em uma metodologia qualitativa exploratória, amparada na análise de dados provenientes de fontes jornalísticas e de instituições governamentais. Verifica-se que o período analisado é marcado pela continuação do conflito, com períodos marcados por uma extrema violência. A análise indica que o Comando Vermelho exerce um maior controle territorial sobre a região, contudo, é um domínio instável, dado que região ainda é alvo de disputas por outras facções. No período analisado observa-se a crescente associação do crime organizado com atividades ilícitas ambientais, as organizações criminosas estariam avançando dentro de territórios indígenas.

Palavras-Chave: Crime Organizado Transnacional; Violência; Brasil; Amazônia Brasileira.

ABSTRACT

This article aims to explore the development of conflicts between criminal organizations in the Brazilian Amazon. The region is the scene of clashes between different factions such as the First Capital Command (PCC), the Red Command (CV), and the Northern Family (FDN). The disputes revolve around the domination of trafficking routes in the region, especially the Rota do Solimões. These conflicts have resulted in a sharp rise in direct violence in the region. The timeframe of this study is 2018 to 2022, to explore and demonstrate entire of the entire confrontation during this period and demonstrate its impact on local society. The theoretical framework for this work is Peace Studies and it is based on an exploratory qualitative methodology, supported by the analysis of data from journalistic sources and government institutions. The period analyzed is characterized by the continuation of the conflict, with periods of extreme violence. The analysis shows that the Comando Vermelho has greater territorial control over the region, but that this control is unstable, as the region is still the target of disputes between other factions. During the period under study, there was a growing link between organized crime and illegal environmental activities as criminal organizations moved into indigenous territories.

Keywords: Transnational organized crime; Violence; Brazil; North region.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Triângulo da Violência.....	14
Figura 2 - Redes e fluxos do narcotráfico na Amazônia	28
Figura 3 - Taxa de homicídios por UF (2018)	32
Figura 4 - Salve do Massacre no Facebook.....	35
Figura 5 - Publicações realizadas por integrantes de facções no AM.....	36
Figura 6 - O bairro da Compensa	37
Figura 7 - Avisos no bairro da Compensa.....	37
Figura 8 - Tríplice Fronteira.....	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. ESTUDOS PARA A PAZ, UMA PERCEPÇÃO CRÍTICA SOBRE PAZ E VIOLÊNCIA	12
2. ATORES NÃO-ESTATAIS E O CRIME ORGANIZADO TRANSNACIONAL ...	16
3. ATORES NÃO-ESTATAIS VIOLENTOS ATUANTES NA AMAZÔNIA BRASILEIRA.....	20
3.1 COMANDO VERMELHO.....	20
3.2 PRIMEIRO COMANDO DA CfiAPITAL.....	23
3.3 FAMÍLIA DO NORTE.....	26
4. O CONFLITO	27
4.1 2018: RECONFIGURAÇÃO DO CONFLITO.....	30
4.2 2019: NOVAS ESCALADAS DO CONFLITO	33
4.3 2020 e 2021: EXPANSÃO DO COMANDO VERMELHO.....	36
4.4 2022: AVANÇO DO COMANDO VERMELHO PARA A AMAZÔNIA PERUANA	42
CONCLUSÃO	44
REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

A América Latina é considerada, pela literatura dominante, uma região pacífica devido à ausência de guerras interestatais. Soma-se a isso a tradição, que prevalece entre as nações sul-americanas, de resolução pacífica de conflitos internacionais (Battaglino, 2012). Contudo, a região enfrenta grandes desafios no tocante a violência. Nesse contexto, o presente trabalho gira em torno da crescente violência social armada na região amazônica brasileira, resultante dos confrontos entre organizações criminosas.

Em concordância ao Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2022), a região Amazônica é um espaço de sobreposição territorial de diversas atividades ilegais e violências. A região enfrenta grandes desafios relacionados a atuação do crime organizado e do garimpo ilegal, do crescente desmatamento e da grilagem (FBSP, 2022). Diante desse quadro, o estudo tem como foco a atuação do Crime Organizado Transnacional, contudo, como será explorado diversas evidências demonstram as associações entre os índices de violência, o crime organizado e as atividades ilícitas ambientais.

Dados do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), demonstram que o país possui a segunda maior taxa de homicídios da América do Sul, parte significativa dessas mortes violentas está relacionada à atuação do crime organizado na região. Em 2017, a atividade criminosa foi responsável por 19% de todos os homicídios registrados no mundo, causando mais mortes do que conflitos armados e o terrorismo juntos (UNODC, 2019).

Observa-se que desde os anos de 1980 o Brasil registrou um acelerado crescimento dos índices de violência direta, principalmente nos grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro. Entretanto, a partir dos anos 2000, o país é marcado por um processo de interiorização da violência (FBSP, 2022). A violência, que antes se concentrava nas grandes regiões urbanizadas do Sudeste, se expandiu para outras regiões do país, em especial para a região Norte (FBSP, 2022). Nesse sentido, o crescimento da violência nesses locais estaria diretamente relacionado ao processo de expansão de organizações criminosas do Sudeste para a região (FBSP, 2022).

Esses grupos se deslocaram para a região com o objetivo de dominar um dos principais canais de entrada de drogas no país: a Rota do Solimões. Localizada na Tríplice Fronteira do Brasil com o Peru e Colômbia, a rota possui uma posição estratégica privilegiada, uma vez que, a folha de coca, utilizada como matéria-prima base para a produção de cocaína, é cultivada em larga amplitude nos países mencionados (Ferreira, Framento, 2019; Teixeira, 2017).

Devido à distribuição espacial dos rios na Amazônia, a rota permite que os entorpecentes entrem no país e sejam escoados em direção a outros estados brasileiros e continentes como África e Europa (FBSP, 2022; Teixeira, 2017). Dessa forma, o controle do local é considerado de extrema importância para o crime organizado brasileiro. Nesse cenário, a Amazônia brasileira tem sido palco de conflitos entre as principais organizações criminosas do país visando o domínio do local.

Essas disputas resultaram em um aumento acentuado dos índices de violência na região. Dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública revelam que a violência letal na região Norte é superior ao que é testemunhado em outros estados do Brasil. Assim, perante o exposto, esse artigo tem como objetivo analisar o conflito entre essas organizações criminosas, nas fronteiras amazônicas, durante o período de 2018 a 2022. Destaca-se que o presente trabalho gira em torno de um tipo específico de Ator Não-Estatal Violento, o Crime Organizado Transnacional (COT).

Para o desenvolvimento desse artigo foi utilizado a matriz teórica dos Estudos Para a Paz associado a uma metodologia qualitativa exploratória, tendo como delimitação temporal o período de 2018 a 2022. O trabalho se estruturou em quatro seções, para além da introdução e das considerações finais. Na primeira seção realizou-se uma revisão bibliográfica dos Estudos Para a Paz e a partir do pensamento de Galtung buscou-se compreender fenômenos como Paz e Violência. A segunda apresenta uma breve conceituação sobre Atores Não Estatais Violentos, com o foco no Crime Organizado Transnacional, a partir do qual buscou-se compreender as principais características desses grupos. A terceira se dedica a apresentar as principais organizações criminosas atuantes no conflito. Por fim, a quarta explora a atuação do crime organizado na região e o desenvolvimento dos confrontos entre esses grupos, durante o período de 2018 a 2022.

Mediante o caráter exploratório do trabalho, triangulamos dados provenientes de fontes jornalísticas e de instituições governamentais, seguida de análise fundamentada na literatura especializada. Prezou-se por selecionar informações com o mínimo de distorções e tendenciosidades, ademais, ressalta-se que devido ao caráter ilegal da atuação desses grupos alguns acontecimentos não são notificados e divulgados.

1. ESTUDOS PARA A PAZ, UMA PERCEPÇÃO CRÍTICA SOBRE PAZ E VIOLÊNCIA

Almejando compreender o complexo panorama da violência na Amazônia brasileira, utilizamos a matriz teórica dos Estudos para a Paz, uma vez que tal matriz permite uma visão crítica e ampla sobre esses fenômenos. Ao entender a paz a partir de uma perspectiva que contempla fatores ‘positivos’ - como a capacidade de ter acesso à justiça social e qualidade de vida - os Estudos Para a Paz, contribuem para a compreensão do crime organizado transnacional como consequência de uma estrutura social injusta, bem como um agente estruturante de violência que afeta a qualidade da paz¹ (Ferreira, 2017).

Nota-se que os Estudos para a Paz (EPP) são amplamente reconhecidos como um importante campo de pesquisa dentro das Relações Internacionais. Essa matriz acadêmica constitui uma esfera de investigação que adota um compromisso explícito com a promoção da não-violência e a construção de estruturas pacíficas nas relações sociais em todas as escalas, que vão desde o nível local até o internacional (Oliveira, 2017).

Oliveira (2017) pontua que o pensamento sobre a paz é uma ideia que remonta à antiguidade e está presente em diversas tradições religiosas, correntes filosóficas e vertentes do movimento pacifista. No entanto, os Estudos para a Paz como uma área disciplinar organizada e institucionalizada em universidades é relativamente recente (Oliveira, 2017).

Em concordância com Ferreira (2019), nos anos 50 e 60, houve um aumento sistemático de estudos sobre Paz e Conflito nos Estados Unidos e na Europa, com a criação de departamentos e núcleos de pesquisa dedicados a esse tema. Isso ocorreu devido à dinâmica da Guerra Fria, ao terror do retorno de uma nova Guerra Mundial e ao constante medo de ataques nucleares, o que levou a necessidade de se refletir sobre questões relacionadas à Paz e ao Conflito (Ferreira, 2019). Nesse sentido, constata-se que o propósito inicial dos Estudos para a Paz era compreender as origens da violência, a partir das suas diversas manifestações, identificando métodos para diminuí-la ou eliminá-la (Wallensteen, 2001, p.9-10 *apud* Ferreira, 2019, p.59).

¹ Wallensteen (2015, *apud* Ferreira, 2019) argumenta que a paz possui uma qualidade particular, para além da ausência de Guerra, ela é definida em termos de segurança, dignidade e previsibilidade. Para o autor, após alcançar a paz negativa, a qualidade da Paz pode ser mensurada através do quanto existe de segurança, da garantia de integridade e dignidade para as partes antes envolvidas em um litígio (Wallensteen, 2015, *apud* Ferreira, 2019).

Tal perspectiva contribuiu para uma ontologia que liga o estudo científico sobre os processos que levam à paz aos interesses de toda a sociedade, independentemente das fronteiras nacionais. Isso faz com que o campo não olhe apenas para os desafios políticos para alcançar a paz – ou para o fenômeno da guerra, centro da análise no campo de estudos estratégicos – mas também para questões como violência, desigualdade, justiça, reconciliação e resolução de conflitos. (Ferreira, p. 59-60, 2019)

Oliveira (2017, p.53) enfatiza que os estudos da paz representaram uma mudança no pensamento tradicional dominante ao considerarem “que a paz não era um mero estado contingente alcançado por vitórias militares entre guerras inevitáveis”, mas sim um processo que poderia “ser construído através de políticas e intervenções orientadas primordialmente para afirmar a vida das pessoas e produzir um mundo melhor [...] livre das manifestações diretas e indiretas de violência”.

Nesse contexto, podemos destacar as contribuições de Johan Galtung, considerado um dos fundadores dessa matriz teórica. Em seu trabalho intitulado *Violence, Peace and Peace Research*, Galtung (1969) conceitua a paz a partir de uma perspectiva ampla. Para além da ausência de guerra, ela é entendida como a ausência de violência - em todas as suas nuances - nota-se que tanto a paz quanto a violência são conceitos amplos e relacionados (Galtung, 1969).

Consoante ao autor, a Paz pode ser compreendida através de duas conotações: uma negativa e outra positiva. A Paz Negativa corresponde a ausência de violência direta, ela é associada, por exemplo, à ausência de violência física ou de guerra, correspondendo à noção mais tradicional de paz. Já a Paz Positiva refere-se a ausência de violência estrutural, ela pode ser entendida como uma condição de justiça social que engloba a defesa da igualdade e bem-estar coletivo, nesse sentido, o conceito de Paz Positiva aborda aspectos relacionados à desigualdade, à pobreza, à discriminação e aos direitos humanos (Galtung, 1969).

Nesse sentido, considerando que a Paz é definida como ausência de violência, não é surpreendente constatar que outro conceito fundamental no pensamento de Galtung seja o de violência. Galtung argumenta que a violência está presente quando seres humanos são influenciados de modo que as suas realizações somáticas e mentais estão abaixo das suas realizações potenciais - a diferença entre o que poderia ter sido e o que é - o autor exemplifica tal argumento com a seguinte situação, uma morte por tuberculose no século XVIII não seria considerada violência pois não era uma situação inevitável, contudo, uma pessoa morrer de

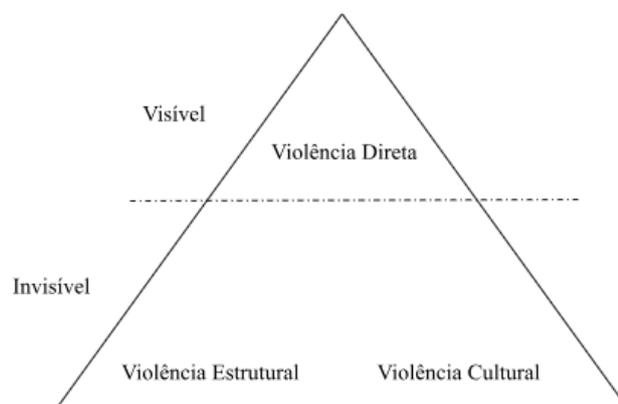
tuberculose hoje em dia é considerado uma violência diante de todos os avanços na medicina (Galtung, 1969).

Ao dimensionar o conceito de violência, Galtung permite a compreensão da violência através de três formas - a violência direta, a violência estrutural e a violência cultural. A violência direta refere-se àquela forma de violência mais visível e identificável, ela ocorre quando um perpetrador causa algum dano físico ou psicológico a outro indivíduo ou grupo de indivíduos. Observa-se que à violência direta abrange desde agressões físicas, homicídios, ameaças e intimidações a guerras e atos terroristas (Galtung, 1969).

Já a violência estrutural equivale a uma forma indireta de violência, refere-se a toda uma estrutura (social, econômica e política) que limita a capacidade humana, sendo assim compreendida como uma situação de desigualdade e injustiça social que resulta em profundos danos para a sociedade (Galtung, 1969). Ferreira (2019, p 67) destaca que “a ausência de violência estrutural pressupõe altos padrões de justiça social em uma dada sociedade”.

Posteriormente, Galtung elabora o conceito de violência cultural. Em concordância com o autor, a violência cultural é entendida como "aspectos da cultura, da esfera simbólica de nossa existência – exemplificada pela religião e ideologia, linguagem e arte, ciências empíricas e ciência formal (lógica, matemática) – que podem ser usadas para justificar ou legitimar a violência direta ou estrutural" (Galtung, 1990, p. 291, tradução nossa). Assim, a violência cultural tem o poder de tornar a violência direta e estrutural mais aceitável ou menos condenável, demonstrando como a cultura pode legitimar as diferentes formas de violência (Galtung, 1990). Essas três formas de violência se conectam e constituem o que Galtung denominou de “Triângulo da violência”:

Figura 1 - Triângulo da Violência



Fonte: Galtung, 1969;1990.

Consoante a Galtung (1990) é possível visualizar o triângulo de diferentes maneiras. Para além da sinalizada, a exemplo, é possível que na base do triângulo esteja a violência direta e estrutural e no topo a violência cultural como legitimadora de ambas. Ele destaca que “Apesar das simetrias, há uma diferença básica fundamental na relação temporal dos três conceitos de violência. A violência direta é um acontecimento; a violência estrutural é um processo com altos e baixos; a violência cultural é uma invariante, uma permanência” (Galtung, 1990, p.294, tradução nossa).

Feitas essas considerações, nota-se como os Estudos para a Paz são adequados para analisar o fenômeno da violência armada no Brasil, visto que, essa matriz permite a compreensão da violência através de suas múltiplas facetas. A noção de violência estrutural (relacionada à distribuição desigual de recursos e oportunidades, que gera exclusão e marginalização de determinados grupos) é de extrema importância para entender o surgimento e modo de atuação do crime organizado, dado que esses grupos emergem de um contexto de violência estrutural e ganham força justamente em espaços em que a presença do Estado é deficiente.

A exclusão social encontra-se ligada a muitas das atividades criminais e problemas de violência que estão presentes na nossa região [Américas], incluindo os altos níveis de homicídios, sequestros e outros crimes, além de um desproporcional número de encarceramentos. Diante destas circunstâncias, a exclusão social se torna uma forma de violência estrutural e cultural que impede milhares de pessoas de alcançarem suas realizações pessoais. Esta violência estrutural afeta desproporcionalmente os membros mais vulneráveis da sociedade, tais como mulheres, jovens e minorias étnicas (Blackwell, Duarte, 2014, p. 111-112. apud Ferreira, 2017).

Organizações criminosas, como o Primeiro Comando da Capital e o Comando Vermelho, emergem em um contexto de violência estrutural, como uma resposta às condições degradantes do encarceramento. Em sua origem, está a estratégia de autoproteção, seja para afastar a violência por parte de outros presos, ou mesmo de funcionários do Estado (Ferreira, 2017; Lessing, 2020). As facções são tidas por muitos como uma solução interna para sobreviver ao confinamento, o sofrimento compartilhado fomenta a adesão a uma ideologia do crime, assim, as prisões, no lugar de ressocializarem acabam por empurrar mais pessoas para o crime organizado (Manso, Dias, 2018).

Lessing (2020) argumenta que o Estado desempenha um papel fundamental na formação do “criminoso”, sendo ele moldado por todas as ações do Estado, que vão desde o fornecimento de políticas de bem-estar social até atividades de policiamento. Em concordância com o autor, o Estado de repressão, marcado pela criminalização das drogas e o encarceramento em massa, fornece o humano que os grupos criminosos utilizam (Lessing, 2020).

Nota-se que, apesar de emergirem da violência estrutural, as organizações criminosas, reproduzem essa violência (Ferreira, 2017). Consoante a Ferreira e Richmond (2021), esses grupos não possuem o objetivo de reduzir a desigualdade social ou a violência estrutural e cultural em áreas pobres, dado que eles visam impor normas que possibilitem a gestão de atividades ilícitas, como por exemplo, o tráfico de drogas. Em situações nas quais os interesses das organizações criminosas são postos em risco, a violência é utilizada até contra cidadãos comuns, se preciso (Ferreira, Richmond, 2021).

Em comunidades onde a presença do Estado se dá somente através da violência, o crime organizado é visto como uma espécie de salvador, que traz esperança de justiça para uma população vitimada pela violência (Ferreira, Richmond, 2021; Lessing, 2020). Na medida em que esses grupos conseguem instaurar a ordem nesses espaços marginalizados, eles possibilitam que o Estado mantenha sua estrutura de negligência (Ferreira & Richmond, 2021; Lessing, 2020). Dessa forma, esse contexto de abandono estatal e violência estrutural torna mais fácil para esses grupos recrutarem novos membros para suas organizações criminosas (Ferreira & Richmond, 2021; Lessing, 2020).

Constata-se que além de reproduzir violência estrutural e cultural, as organizações criminosas também se utilizam da violência direta para garantir a manutenção dos seus objetivos. Os conflitos entre organizações criminosas resultam em altos índices de violência direta na região Norte. Diante dessas ponderações, é fundamental discorrer sobre os Atores Não-Estatais Violentos com enfoque no crime organizado transnacional.

2. ATORES NÃO-ESTATAIS E O CRIME ORGANIZADO TRANSNACIONAL

As organizações criminosas - principais perpetradores da violência, juntamente com o Estado, na região Norte - são caracterizadas como Atores Não-Estatais Violentos (ANEVs). Pode-se entender os ANEVs como organizações transnacionais que não estão sob o controle

do Estado e utilizam a violência para atingir seus objetivos (Ferreira, 2017). Schneckener (2006) demonstra que esses atores, apesar de utilizarem a violência como meio para atingir seus interesses, não fazem parte de instituições estatais formais, como exércitos e forças policiais, isso, porém, não significa que agentes estatais não se envolvam em atividades ilícitas relacionadas a esses grupos.

Em concordância com Schneckener (2009, p.8, tradução nossa) esses grupos possuem um “grau de autonomia no tocante à política, operações militares, recursos e infraestruturas” ainda assim, eles são passíveis de serem auxiliados por agentes estatais. Verifica-se que a ascensão desses grupos está intrinsecamente ligada às insuficiências e falhas do Estado. Em Estados que ocorrem uma exclusão de parte da sua população, Atores Não-Estatais Violentos podem emergir como uma forma de governança alternativa (Williams, 2008).

Quando o Estado, seja por incapacidade ou por falta de interesse, não consegue atender determinadas demandas da população, outros atores tendem a assumir esse papel (Williams, 2008). Outro fator relacionado a ascensão e fortalecimento desses grupos é o processo de globalização e os avanços tecnológicos no que tange os meios de comunicação e transportes (Williams, 2008). Em concordância com Williams (2008) a globalização possibilitou que os ANEVs desenvolvessem capital social transnacional e criassem alianças para além das fronteiras nacionais. Além disso, a globalização permitiu que se ampliasse as oportunidades de financiamento para as atividades ilícitas desses grupos (Williams, 2008).

Constata-se a existência de diferentes atores não estatais violentos², eles podem diferir mediante a diversos fatores como motivações³, uso da força, estrutura organizacional, alguns operam em áreas geográficas restringidas, enquanto outros possuem um alcance mais amplo, que se estende do nacional ao transnacional (Williams, 2008).

Nessa perspectiva, o presente trabalho gira em torno de um tipo específico de Ator Não-Estatal Violento, o Crime Organizado Transnacional (COT). Tendo em vista isso, adotaremos a definição de Crime Organizado Transnacional apresentada por Reginaldo Nasser (2014, p.145 apud Ferreira, 2017), quando define que “grupos criminosos

² Em concordância com Williams (2008) podemos identificar seis tipos de Atores Não Estatais Violentos, sendo eles: Milícias, Senhores da Guerra, Organizações Terroristas, Forças Paramilitares, Insurgências e o Crime Organizado/Gangues.

³ A busca por ganhos financeiros é considerada a principal motivação das Organizações Criminosas. No entanto, grupos criminosos como o PCC e CV surgiram como uma reação às condições precárias do sistema prisional brasileiro, reivindicando a defesa dos direitos humanos, assim, emergindo a partir de uma motivação político-social.

transnacionais podem ser definidos [...] como associações de indivíduos que operam de maneira transnacional com o fim de obter ganhos monetários, comerciais ou poder de influência, por meios ilegais em um ou mais Estados nos quais atuam”.

Ferreira e Framento (2019) demonstram que o crime organizado tem um caráter transacional à medida que opera o tráfico de drogas e outras atividades ilícitas - como lavagem de dinheiro - para além das fronteiras. Assim, grande parte do crime organizado é transnacional nas suas atividades, pois opera em diferentes países, é notório que essa atuação, muitas vezes, é estabelecida através de vínculos familiares, movimentos migratórios ou redes étnicas (Schneckener, 2009; Williams, 2008).

As organizações criminosas são descritas, por Williams (2008, p.15), como atores racionais para os quais “o crime é uma continuação dos negócios por outros meios”, a intenção desses grupos é obter o máximo possível de lucros. Por essa razão, esses grupos não visam o colapso do Estado ou de um governo específico, e sim a manutenção das fragilidades estatais (Schneckener, 2009; Williams, 2008). Cenários caóticos não são considerados benefícios para suas atividades ilícitas (Schneckener, 2009; Williams, 2008).

Apesar da violência ser algo característico da atuação desses atores, ela não é usada de forma ampla e indiscriminada, mas, sim, de uma forma seletiva, para minimizar a atenção do poder público, sendo utilizada em situações específicas como para manter a disciplina interna, proteger quotas de mercado e para lidar com ameaças, seja por parte de outras organizações criminosas ou de forças estatais (Schneckener, 2009; Williams, 2008). Feltran (2018) argumenta que parte da violência usada por facções gira em torno da disputa por mercados e lucros.

Ainda assim, o uso da violência por parte desses atores pode atingir níveis semelhantes ao de Guerras. Ryan (2013 apud Ferreira, 2017, p.29) destaca que “para cada morte em uma guerra em andamento, há outras nove relacionadas com violências entre gangues e crime organizado”. Ressalta-se que os embates entre essas organizações, na região Amazônica se traduziram em índices alarmantes de violência direta. A região registrou um aumento significativo no número de mortes violentas nos últimos anos, passando de uma média de 3.300 em 2011 para aproximadamente 8 mil em 2018 (FBSP, 2023).

No entanto, quando um grupo se torna hegemônico em uma determinada região, os índices de violência tendem a diminuir (Biderman et al, 2019; Williams, 2008). Biderman et al (2019) demonstram que o domínio de um único grupo, em um território específico, produz

impactos na violência. A forte presença do Primeiro Comando da Capital na cidade de São Paulo resultou em um monopólio do crime, provocando uma redução nos índices de crimes violentos nas favelas e em seus entornos⁴ (Biderman et al, 2019).

Quando um estado possui um alto nível de atividade criminosa e a presença de apenas uma organização criminosa, como é o caso de São Paulo, o nível de violência tende a ser relativamente baixo (Stahlberg, 2022). Contudo, como evidenciado por Ferreira e Gonçalves (2022) em locais onde não existe o monopólio de mercados ilícitos nem hegemonia territorial, verifica-se uma intensificação da violência por parte do crime organizado pautada na governança criminosa.

Dessa forma, quando uma organização criminosa se torna hegemônica a violência física não é empregada como uma forma de controle, a simples ameaça de sua utilização já se mostra suficiente (Ferreira, 2019). Nesse sentido esses grupos passam a explorar a violência estrutural e cultural para manter o controle, aliciando jovens pobres para a criminalidade (Ferreira, 2019).

Nesse sentido, as organizações criminosas representam uma ameaça ao modelo clássico de soberania, uma vez que elas desafiam a autoridade estatal, o monopólio do Estado sobre o uso da força, a legitimidade, os processos judiciais e apoio público (Williams, 2008). Nota-se que muitos ANEVs se utilizam da corrupção para manter um ambiente de baixo risco, o que tem efeitos debilitantes sobre o Estado de direito e sobre a integridade das estruturas estatais (Williams, 2008).

Teixeira (2017) enfatiza que o tráfico internacional de drogas é considerado uma das principais ameaças à Soberania e segurança da América do Sul. Consoante ao autor, é possível observar os impactos da atuação desses atores, especialmente nas regiões fronteiriças, como à tríplice fronteira amazônica, devido ao grande fluxo comercial de entorpecentes e a grande vulnerabilidade social e econômica dessas regiões, para além da atuação negligente do Estado.

Diante dessas reflexões, enfatizamos que as organizações criminosas, objeto de análise do presente trabalho, utilizam da violência - direta, estrutural e cultural - para atingir seus

⁴ A ideia de Pax Monopolista, apresentada por Biderman et al (2019), demonstra que uma redução da concorrência, através da monopolização, conduz à pacificação de determinadas regiões. A presença do PCC, em São Paulo, está associada a uma redução de 11% dos crimes violentos nas comunidades paulistas (Biderman et al, 2019).

objetivos. Elas são caracterizadas como transnacionais, pois realizam o tráfico de drogas e outras atividades ilícitas para além das fronteiras.

3. ATORES NÃO-ESTATAIS VIOLENTOS ATUANTES NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

Nesta seção discorreremos brevemente sobre os principais grupos criminosos atuantes na região amazônica, a saber: Comando Vermelho (CV), Primeiro Comando da Capital (PCC) e Família do Norte (FDN). Nota-se a presença de outras facções locais atuando na região, entretanto, esses grupos não expressam uma influência ampla e não possuem uma estrutura interna tão organizada como as organizações mencionadas⁵.

3.1 COMANDO VERMELHO

O Comando Vermelho originou-se no final dos anos 1970 no presídio Cândido Mendes, na Ilha Grande, no Rio de Janeiro, sendo considerado o primeiro grupo criminoso organizado do país (Manso, Dias, 2018). A organização deriva do grupo Falange LSN e surge da convivência entre presos comuns, condenados pela Lei de Segurança Nacional, e presos políticos - particularmente opositores do Regime Militar que vigorava no país - ambos os presos ficavam alojados na Galeria B do Cândido Mendes (Amorim, 1994; Lima, 2016).

Em seu livro de memórias, denominado Quatrocentos Contra Um, William da Silva Lima (2016), um dos fundadores do CV, narra sua vivência nas prisões brasileiras detalhando as difíceis condições do cárcere e o surgimento da organização, consoante ao autor, a violência era algo frequente nas prisões - tanto por parte do Estado como de outros presos - maus-tratos, espancamentos e estupros eram constantes.

Somos, simplesmente, assaltantes. Ou estelionatários. Ou homicidas. Entre os direitos que perdemos se encontra o de sermos conhecidos pela totalidade das nossas ações, boas e más, como qualquer ser humano. O ato criminoso — o único devidamente divulgado e reproduzido nas fichas — define tudo o que somos, resumindo, de forma mágica, passado, presente e futuro. Há gente que acredita nisso. Desarticular a personalidade do preso é o primeiro — e talvez o mais importante — papel do sistema [...] O ambiente era paranoico, dominado por desconfiança e medo, não apenas da violência dos guardas, mas também da ação das quadrilhas formadas por presos para roubar, estuprar e matar seus companheiros (Lima, 2016, local 30-31).

⁵ Uma dessas organizações é o Comando Classe A - CCA - a facção surgiu em Altamira, no Pará, e é aliada do PCC. Outra facção atuante na região é denominada “Os Crias”, ela surgiu a partir de um reagrupamento de membros da FDN (Amâncio, Pedrosa, 2023).

Diante de um contexto repressivo, o frequente contato com presos políticos possibilitou o entendimento, por parte dos detentos, de que a união entre os presos era algo fundamental para resistir às condições degradantes do encarceramento e para dar continuidade à luta pela liberdade (Amorim, 1994; Lima, 2016). Essa interação também possibilitou aos presos comuns instruírem-se politicamente. Eles aprenderam formas de organizar e estruturar suas ações (Amorim, 1994; Lima, 2016).

Assim, o grupo foi ganhando força dentro do sistema carcerário carioca, sob o lema “Paz, Justiça e Liberdade”, o manifesto e as regras estabelecidas pelo grupo foram adotadas em outras penitenciárias do Rio de Janeiro, crimes como roubo, estupro e agressão passaram a ser proibidos nos presídios cariocas (Amorim, 1994; Lima, 2016). Nesse contexto, Lima (2016) enfatiza que houve resistência às reivindicações do grupo, principalmente por parte de quadrilhas que comandavam os presídios, culminando em um conflito violento entre os grupos no ano de 1979 no Cândido Mendes.

Dessa forma, durante a década de 1980, observou-se a crescente influência do grupo. À medida em que presos eram libertos ou transferidos para outras penitenciárias, as ideias do grupo se disseminavam fortemente nos presídios e nas favelas (Amorim, 1994). Durante o período de 1981 a 1982 o grupo já possuía mais de dois mil membros (Amorim, 1994).

Observa-se, durante esse período, uma mudança importante no grupo. Foi eleita uma nova comissão dirigente, assim, as decisões passam a ser definidas com o objetivo de obter maiores vantagens financeiras (Amorim, 1994; Manso, Dias, 2019). Os assaltos à bancos são substituídos pelo entendimento de que o tráfico de drogas é uma prática mais lucrativa e segura (Amorim, 1994; Manso, Dias, 2019). O movimento em torno da defesa dos direitos humanos ficaria no passado, como parte da história do grupo. A facção, a partir desse momento, priorizaria o tráfico de drogas nos morros (Manso, Dias, 2018).

Em concordância com Manso e Dias (2018) para além do tráfico, o CV também começou a importar armas. A violência direta passou a ser utilizada de forma recorrente com o objetivo de dominar pontos de vendas de drogas, os integrantes também buscavam aliciar novos membros através de empréstimos de dinheiro e armas (Manso, Dias, 2018). Nesse período, o CV chegou a dominar cerca de 70% das bocas de fumo do Rio de Janeiro (Manso, Dias, 2018).

A estruturação do Comando Vermelho tornou-se vertical e hierarquizada, os novos membros eram tidos como funcionários que deveriam prestar contas a um superior, visto

como “dono do morro” (Manso, Dias, 2018). Assim, os lucros eram centralizados e cada integrante recebia uma comissão de acordo com as vendas e sua função (Manso, Dias, 2018). Nota-se que parte do dinheiro passava a ser investido na compra de drogas e armas (Manso, Dias, 2018).

A facção também buscava conquistar poder prestando serviços às comunidades nas quais se instalavam (Manso, Dias, 2018). Os donos da comunidade, eram figuras carismáticas conhecidas por prestar assistência à população, forneciam remédios, material escolar, empréstimos financeiros e segurança - crimes como roubo e estupro foram proibidos (Amorim, 1994; Manso, Dias, 2018).

Contudo, a partir do final dos anos 1980, a facção começou a se fragmentar internamente, acarretando disputas territoriais violentas com outros grupos que foram surgindo (Amigo dos Amigos, Terceiro Comando, Terceiro Comando Puro). Nessa conjuntura violenta, uma figura importante se sobressaiu na organização: Fernandinho Beira-Mar, o traficante seria responsável por instaurar mudanças decisivas na configuração do tráfico de drogas (Manso, Dias, 2018). Pela primeira vez um membro importante de uma facção brasileira assumiu o papel de produção e distribuição de drogas, através das fronteiras (Manso, Dias, 2018).

Beira-Mar viu uma possibilidade de aumentar os lucros através da atuação nas fronteiras e do contato direto - eliminando intermediários - com os grandes produtores (Manso, Dias, 2018). Assim, a atuação do traficante possibilitou a presença do CV em diversos estados brasileiros e nas regiões fronteiriças (Manso, Dias, 2018). Dessa forma verifica-se, a partir desse momento, uma grande tentativa, por parte do crime organizado, de dominar e controlar esses espaços fronteiriços. Nota-se que em determinados momentos o Comando Vermelho atuava de forma colaborativa com facções, hoje consideradas rivais, como o Primeiro Comando da Capital - visando, em um primeiro momento, somar forças para dominar esses espaços - o rompimento da parceria acarretou um crescimento acentuado da violência em diversas regiões do país, principalmente nas regiões Norte e Nordeste.

Em concordância com Feltran (2018) ambas as facções atuaram de forma colaborativa durante 23 anos, desde a fundação do PCC até 2016. O rompimento da aliança, ocorreu após a execução do Rei da Fronteira, Jorge Rafaat, em 2016 no Paraguai. A ação foi realizada conjuntamente por ambas as facções. Contudo, após a morte do traficante, o PCC teria aumentado o preço das drogas na fronteira com o Paraguai, essa ação gerou um

descontentamento no Comando Vermelho (Feltran, 2018). Paralelo a essa situação, um salve oriundo do PCC acusava o CV de desprezar e humilhar faccionados do PCC em presídios controlados pela facção carioca (Feltran, 2018).

Ademais, Manso e Dias (2018) pontuam que antes do rompimento o PCC teria, através de um salve, tentando dialogar com Marcinho VP – Líder do CV, no Rio de Janeiro, na época. O comunicado acusava o CV de estar batizando novos integrantes em presídios federais incluindo presos considerados inimigos da facção paulista (Manso, Dias, 2018). O PCC solicitava um esclarecimento sobre a situação, contudo, obteve como resposta que o Comando Vermelho, do Rio de Janeiro, não exercia controle sobre as lideranças regionais da facção, esses integrantes atuavam de forma autônoma, sem responder a um comando central (Manso, Dias, 2018). Foi mediante essas situações que o rompimento ocorreu em 2016.

3.2 PRIMEIRO COMANDO DA CAPITAL

O Primeiro Comando da Capital surge em 1993, um ano após o massacre do Carandiru, no anexo da Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté. O presídio, na época, era tido como um dos mais rígidos do estado de São Paulo. Consoante a Manso e Dias (2018) o Massacre no Carandiru é de suma importância para a fundação do grupo, sendo considerado uma das justificativas para o seu surgimento. Tal fato é explicitado no primeiro estatuto da organização:

Temos que permanecer unidos e organizados para evitar que ocorra novamente um massacre, semelhante, ou pior ao ocorrido na Casa de Detenção em 2 de outubro de 1992, onde 111 presos foram covardemente assassinados, massacre que jamais será esquecido na consciência da sociedade brasileiro (Estatuto do Primeiro Comando da Capital, apud Manso, Dias, 2018, p.87).

Observa-se que o grupo é responsável por apresentar uma nova forma de gestão criminal. O crime se estruturaria a partir de uma ideologia e em torno de um sistema de coordenação das relações sociais (Manso, Dias, 2018; Feltran, 2018; Ferreira e Gonçalves, 2022). Igualmente ao CV, a facção acreditava que à união dos presos era de suma importância para a sobrevivência nas prisões, o seu lema também girava em torno da defesa da Liberdade, Justiça e Paz (Manso, Dias, 2018; Feltran, 2018). Contudo, o PCC apresentava um discurso inovador, os crimes seriam efetuados buscando benefícios para todos os criminosos e não interesses individuais, assim, o crime fortaleceria o crime (Manso, Dias, 2018; Feltran, 2018).

Dessa forma, o objetivo da facção, na visão dos seus membros, seria: promover a união do mundo do crime, a paz entre os presos, a liberdade para os criminosos e combater as injustiças e opressões associadas ao cárcere fins (Feltran, 2018). Nessa perspectiva, o dinheiro era visto como um meio para garantir tais fins (Feltran, 2018). Diante desse discurso e da implementação de políticas específicas, a facção se expandiu pelo sistema carcerário paulista. O grupo também impôs regras sociais: nas prisões dominadas pelo PCC, a violência sexual, o homicídio e uso de crack foram proibidos (Feltran, 2018).

O PCC passou a ganhar legitimidade no sistema prisional, à medida que oferecia aos presos a regulamentação da ordem local e estabelecia normas de conduta através de um estatuto (Manso, Dias, 2018; Feltran, 2018). “Garantindo a ordem nas cadeiras, e cada vez mais, nas favelas de São Paulo, o grupo reduziria não apenas os conflitos internos no crime, mas também com as polícias e governo.” (Feltran, 2018, p.29).

O PCC também foi responsável por estabelecer um sofisticado sistema de julgamento e punição, nomeados como debates (Ferreira, Gonçalves, 2022). Ferreira e Gonçalves (2022) evidenciam que esse sistema, para além de julgar faccionados que cometeram delitos e infrações, desempenham um papel fundamental na resolução de litígios civis. Em consonância com os autores, nas comunidades sob o controle da facção, os debates são usados para mediar e regular conflitos locais da população, como em disputas domésticas, por exemplo. Esse sistema, além de uma forma de controlar a violência, é um mecanismo de controle político e econômico (Ferreira, Gonçalves, 2022).

Feltran (2018) propõe que a facção é semelhante a uma irmandade ou sociedade secreta. Em concordância com o autor, com o acréscimo do lema igualdade, todos os membros passaram a ser considerados politicamente iguais “não haveria mais líderes personalistas, mas posições de poder despersonalizadas no PCC” (Feltran, 2018, p.32)

Assim, com o igualitarismo, a facção passou a se organizar em torno de sintonias autônomas entre si - que englobam estruturas militares e empresariais fins (Feltran, 2018). Como consequência, os integrantes do PCC não estão subordinados a um líder (como ocorre no CV), todos possuem voz na facção e não precisam dividir seus lucros individuais (Feltran, 2018).

Segundo Feltran (2018), cada membro do PCC possui autonomia para conduzir suas atividades ilícitas, não existindo a obrigação de dividir lucros particulares, ainda assim, verifica-se um compromisso de auxiliar a facção. Através de caixas coletivos, rifas e missões o dinheiro arrecadado é usado para fins coletivos, como, pagar advogados e ajudar financeiramente integrantes presos fins (Feltran, 2018). Todavia, esses caixas representam,

financeiramente, um valor muito singelo se comparado aos lucros individuais de cada integrante possui (Feltran, 2018). Para Feltran (2018) grande parte do crescimento da facção se deu em função dessa estrutura organizacional.

No começo de 2010, a organização paulista passou a ter pretensões expansionistas e monopolistas, visava-se ampliar a presença do grupo para outras regiões e ter o controle de todas as etapas da comercialização de drogas, incluindo o domínio dos canais de distribuição. (Manso, Dias, 2018). Em vista disso, o grupo buscou atuar em áreas que permitissem reduzir intermediários na cadeia do comércio de drogas. Uma vez que suas mercadorias eram originárias de países vizinhos, tornava-se indispensável a presença nessas regiões (Manso, Dias, 2018).

Consoante a Manso e Dias (2018) o tráfico de drogas é uma atividade considerada vital para o funcionamento da organização, sendo a principal fonte de financiamento das operações do grupo. Á vista disso, o tráfico estimulou a migração de integrantes do PCC para diferentes regiões visando estabelecer novos mercados e novos parceiros (Manso, Dias, 2018). Dessa maneira, a facção procurou estabelecer canais diretos com os produtores através de pessoas comprometidas com a ideologia da organização (Manso, Dias, 2018). Entretanto, o avanço do PCC nessas regiões deu origem a disputas e rompimentos com diferentes organizações, incluindo o Comando Vermelho⁶. Constata-se também a formação de facções com o objetivo de conter o avanço do PCC (Manso, Dias, 2018).

Muitos não estavam convencidos da proposta do PCC; outros, apesar de eventuais benefícios econômicos, não queriam perder o controle do comércio local em favor de indivíduos sem vínculo com as comunidades; outros não tinham interesse em redes de comércio profissionalizadas (Manso, Dias, 2018 p. 204).

Contrária a experiência vivenciada em São Paulo, em algumas localidades, as condutas e normas impostas pelo PCC eram julgadas como arbitrárias (Manso, Dias, 2018). Para a facção, era necessário convencer os criminosos a cederem parte de seus interesses individuais em prol de um projeto coletivo e a adotar normas de conduta, o que não era possível através da simples coerção (Manso, Dias, 2018).

Ainda assim, observa-se que o avanço da facção foi bem-sucedido em determinados locais. Em Roraima, verifica-se um aumento acentuado de indivíduos filiados ao PCC, o estado que anteriormente não possuía presos ligados à facção, passou a ter mais de mil

⁶ Manso e Dias (2018) demonstram que a organização era um fator que diferenciava demasiadamente a atuação do PCC e CV nessas regiões, enquanto o PCC arquitetava uma estratégia, o CV tinha uma abordagem centrada em indivíduos sem, de fato, apresentar uma estratégia bem definida de ocupação e controle.

indivíduos filiados ao partido do crime (Manso, Dias, 2018). Contudo, é importante ressaltar que esse processo de expansão da facção origina conflitos em torno do comércio de drogas e do domínio de territórios em diversas regiões do Brasil (Manso & Dias, 2018; Ferreira, 2019).

3.3 FAMÍLIA DO NORTE

Conforme demonstra a investigação “La Muralla” realizada pela Polícia Federal, a Família do Norte (FDN) é uma organização criminosa amazonense com atuação na área da tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru. A facção já foi considerada a terceira maior organização criminosa do país - atrás apenas do CV e PCC. Manso e Dias (2018) destacam que a relevância da facção, decorre do seu papel estratégico na economia das drogas, uma vez que, ela detém o controle da Rota do Solimões e é especializada no varejo de drogas, sendo responsável pelo o transporte de grandes quantidades de entorpecentes, do Peru e Colômbia para o Brasil.

A facção que se autodenomina o crime no Estado do Amazonas, surgiu com o intuito de impedir o avanço do PCC na região Norte. Apesar disso, verifica-se a adoção de práticas semelhantes às do grupo paulista, como a criação de estatutos e a caixinha⁷ (Manso, Dias, 2018; Polícia Federal, 2016). A FDN também teria como objetivo a defesa da “Paz, Justiça e Liberdade” e a luta contra a opressão do sistema, parte do dinheiro arrecadado pelo o grupo é usado para auxiliar financeiramente integrantes presos e seus familiares (Manso, Dias, 2018; Polícia Federal, 2016).

Uma das formas de estruturação da FDN é a realização do cadastro dos seus membros. Em suma, para se tornar membro da facção é necessário ser indicado por uma das lideranças (Polícia Federal, 2016). Assim, cada membro da organização é vinculado a um dos líderes. Feito o cadastro, cada membro passa a ter a obrigação de contribuir financeiramente com a organização, essa contribuição visa - para além de financiar a aquisição de armas e drogas - amenizar as duras condições do encarceramento e acaba por reforçar a autoridade e respeito da organização perante os detentos (Polícia Federal, 2016).

Constata-se que a organização possuía, até 2019, uma estrutura interna bastante hierarquizada, na qual cada membro possui uma função bem definida, de forma que, nenhuma decisão era tomada sem autorização das principais lideranças - Gelson Carnaúba, conhecido

⁷ O Estatuto é um documento elaborado pelas facções, que contém as regras e normas da organização. Essas regras, presentes no documento, devem ser seguidas por todos os membros da facção. Já a caixinha é um mecanismo de arrecadação de dinheiro. Os integrantes devem contribuir mensalmente com um valor financeiro estipulado pela facção, essas contribuições possuem como objetivo ajudar financeiramente facionados presos e financiar a compra de entorpecentes e armamentos pela facção.

como “Mano G” e o José Roberto, conhecido como “Zé da Compensa”. Em cada unidade prisional dominada pelo grupo, verificava-se a existência de membros responsáveis por aplicar sentenças estipuladas por esses líderes (Polícia Federal, 2016).

Fora das prisões, o grupo também financiava atividades sociais e culturais nas comunidades que dominava. Um exemplo disso é a realização de campeonatos de futebol em bairros como o Compensa (Polícia Federal, 2016; Ferreira, Richmond 2021). Contudo, essas atividades não visam alterar a violência estrutural nessas áreas, mas acabam conferindo maior legitimidade à facção perante as comunidades (Ferreira, Framento, 2019).

Para além do domínio no sistema prisional amazonense, a investigação realizada pela Polícia Federal (2016) revela que a facção chegou a controlar todos os pontos de venda de drogas da cidade de Manaus. Nesse sentido, a cidade teria sido dividida pelo grupo, de forma que cada liderança era responsável pelo controle de uma área específica. Nota-se que cada membro detinha liberdade para conduzir negócios ilícitos de forma individual, contando que mantivesse a contribuição com o caixa da organização (Polícia Federal, 2016). Dessa forma, verifica-se que grande parte das atividades relacionadas ao tráfico de drogas, no estado do Amazonas, estavam associadas a FDN (Polícia Federal, 2016).

Outro aspecto alarmante exposto pela investigação diz respeito à aproximação de integrantes da facção com políticos do Amazonas. Mensagens interceptadas, entre as principais lideranças, revelam que o grupo declarou ter sido responsável por eleger o governador do estado, no ano de 2014, e que pretendia eleger três vereadores - na eleição de 2016 - para que a facção tivesse aliados nas instituições políticas. O objetivo do grupo era que essas pessoas pudessem conferir vantagens aos integrantes da FDN (Polícia Federal, 2016).

Por fim, conforme será abordado na seção seguinte, devido a rupturas internas a Família do Norte se fragmentou. Atualmente, o grupo permanece reduzido sob o nome de Cartel do Norte. Contudo, parte dos seus integrantes foram incorporados ao CV e outra criou o Revolucionários do Amazonas (RDA)⁸.

4. O CONFLITO

Conforme mencionado anteriormente, a ruptura entre o PCC e CV resultou em uma série de disputas visando o domínio de regiões nas quais os grupos atuavam conjuntamente. Em vista disso, é relevante mencionar que o controle da rota do Solimões tornou-se ainda mais significativo devido ao domínio da Rota Caipira pelo PCC (Ferreira, Framento, 2019).

⁸ Informação obtida através de pesquisa de campo realizada pelo professor orientador Marcos Alan S. V. Ferreira, em outubro de 2023.

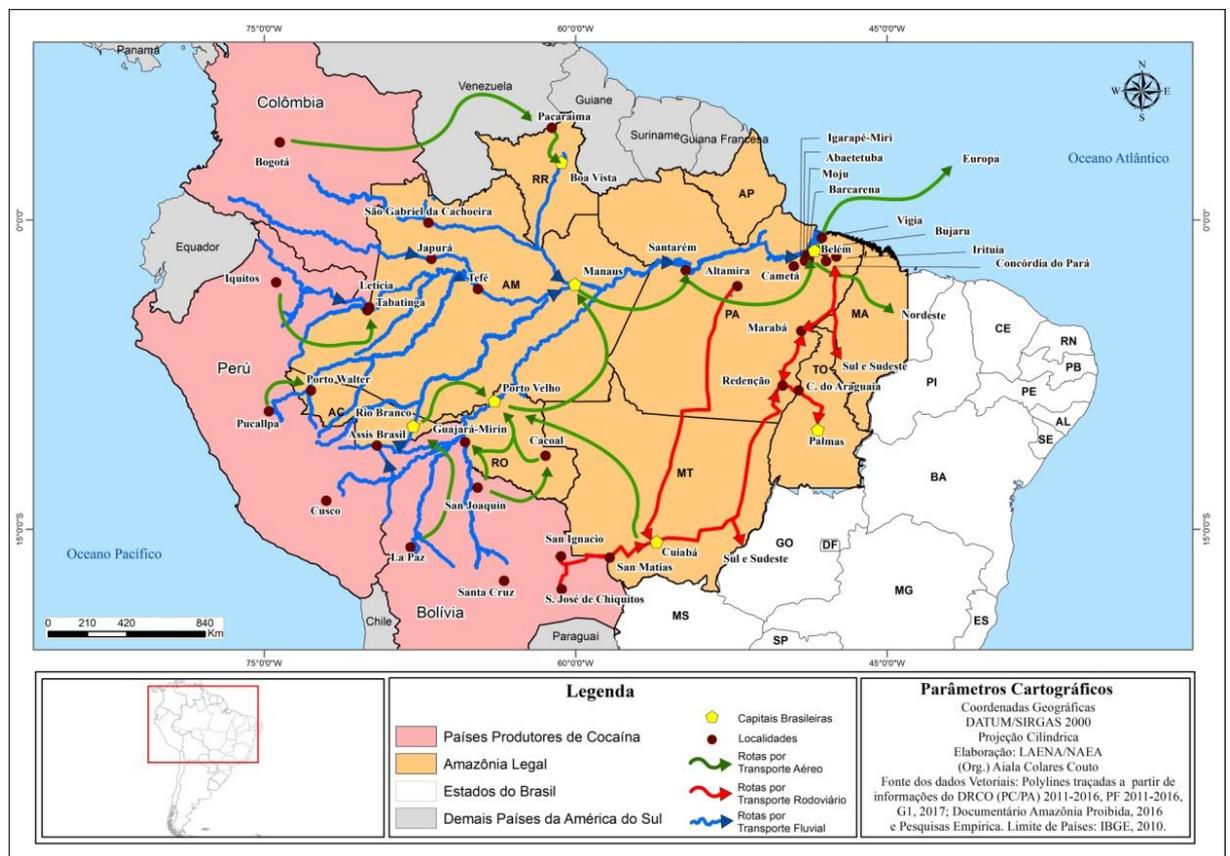
Ferreira e Framento (2019) demonstram que para as outras facções, a Rota do Solimões tornou-se a principal via disponível - no Brasil - para o transporte de drogas.

A folha de coca, matéria-prima base para a cocaína, é cultivada em grande escala no Peru e na Colômbia, países que se destacam como os maiores produtores mundiais do entorpecente, enquanto o Brasil é considerado um dos principais consumidores da droga e é também um ponto de passagem para outros continentes, como a Europa e África (Teixeira, 2017).

A Rota do Solimões possui uma posição geográfica privilegiada, uma vez que, o Rio Solimões perpassa a tríplice fronteira entre o Brasil, Peru e Colômbia. A fronteira aberta entre os três países dispõe de uma extensão de aproximadamente 213.281.229 km² sendo composta por rios, que se conectam a diversos afluentes e florestas densas (Teixeira, 2017).

A grande quantidade de rios conectados na região facilita o processo de escoamento das drogas, outra vantagem está relacionada à densidade da floresta que dificulta o processo de vigilância da rota pelo Estado (Teixeira, 2017). Na imagem a seguir, é possível observar as redes e fluxos do tráfico na região Amazônica, a rota se encontra localizada entre as cidades de Letícia (Colômbia), Tabatinga (Brasil) e Santa Rosa (Peru).

Figura 2 - Redes e fluxos do narcotráfico na Amazônia



Fonte: Aiala Colares Couto, 2020.

Nesse sentido, a partir da imagem constata-se que as drogas entram na Amazônia brasileira via o Rio Solimões e seguem até Manaus, onde passam a ser distribuídas para outras regiões e continentes. Verifica-se que a rota ainda possui como vantagem uma conexão mais curta e lucrativa para o mercado europeu, no qual os lucros desses entorpecentes atingem números exorbitantes (Teixeira, 2017). A rota foi por muito tempo dominada pela facção Família do Norte, à qual mantinha uma aliança com o Comando Vermelho com o objetivo de conter o avanço do Primeiro Comando da Capital na região, entretanto, conforme iremos abordar no próximo tópico tal aliança foi rompida.

Ferreira e Framento (2019) demonstram que os primeiros indícios do conflito entre as facções, na Amazônia brasileira ocorreram em outubro de 2016. Em Boa Vista, na Penitenciário agrícola de Monte Cristo, se desenrola o primeiro confronto noticiado entre as facções, membros do PCC atacaram presos do CV, ao total 10 presos foram assassinados (Ferreira, Framento, 2019).

Em janeiro de 2017, outro massacre é noticiado, dessa vez no Complexo Penitenciário Anísio Jobim (COMPAJ), em Manaus (Ferreira, Framento, 2019). 56 presos foram assassinados, parte das vítimas eram facionados oriundos do Primeiro Comando da Capital, a ação teria partido da Família do Norte, com o intuito de dominar o complexo penitenciário (Ferreira, Framento, 2019). Contudo, como evidência Ferreira e Framento (2019) a ação provocou uma reposta por parte do PCC. Seis dias após o ocorrido no COMPAJ, a Penitenciário agrícola de Monte Cristo foi novamente palco de confrontos, ao todo 31 presos foram assassinados.

Á luz dessas ponderações, destaca-se que o presente artigo tem como objetivo analisar o avanço dos conflitos entre facções durante o período que vai de 2018 a 2022. Nesse sentido, é importante destacar que por se tratar da atuação de organizações criminosas, os confrontos não ocorrem de forma contínua, tende-se a ser marcado por “picos de extrema violência que rapidamente se dissipam para o patamar normal” (Ferreira, Framento, 2019, p.105).

Para Ferreira e Framento (2019) um cenário de conflito permanente não condiz com os interesses desses atores. Conforme os autores, a continuidade dos confrontos despertaria muita atenção da mídia e conseqüentemente pressionaria o Estado a intervir na situação. Ademais, um conflito prolongado teria efeitos negativos na comercialização das drogas, sendo insustentável com o objetivo de obter o máximo possível de ganhos financeiros (Ferreira; Framento, 2019).

Como bem pontua o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2022), a região Amazônica é um espaço de sobreposição de diversas atividades ilegais. Conforme iremos abordar há diversas evidências que demonstram as associações entre os índices de violência, o narcotráfico e as atividades ilícitas ambientais. Destaca-se também que as facções brasileiras atuam conjuntamente com organizações criminosas dos países fronteiriços, é a articulação entre esses grupos que permite a entrada de mercadorias ilícitas no Brasil (FBSP, 2022).

4.1 2018: RECONFIGURAÇÃO DO CONFLITO

O ano de 2018 é marcado pelo rompimento da aliança entre as duas organizações criminosas Família do Norte e Comando Vermelho. Manso e Dias (2018) demonstram que desde 2017 a FDN estaria passando por um processo de instabilidades internas, que acabaram por abalar a credibilidade da facção com suas bases nas comunidades e com parceiros. Em vista disso, em fevereiro de 2018 o Comando Vermelho enviou um salve (comunicado) indicando a suspensão temporária da aliança entre os grupos (Manso, Dias, 2018).

SALVE GERAL [...] Após reunião do conselho viemos aqui transparecer a todos a real situação relacionada a FDN. FDN até então sempre foi fechada 100% com nós de todas as formas nossa aliança foi fechada na lealdade e pureza, mais devido aos últimos acontecimentos problemas internos dentro da própria FDN onde chegou ao nosso conhecimento que vidas foram tiradas em ato de injustiça de membros da FDN e os próprios líderes e fundadores estão em divisão de opiniões e divisão de decisões entre eles mesmos. [...] A posição do CV RL diante disto foi suspender aliança com a FDN até que eles mesmos se resolvam entre eles, sendo assim está suspensa nossa aliança com FDN [...] (trecho de um salve, Manso, Dias, 2018, p.272).

O CV obteve como resposta um salve no qual os membros da FDN reforçaram que mesmo diante de instabilidades internas, o grupo mantinha-se unido e fiel a seus pilares e estatuto:

SALVE GERAL [...] Irmãos, em virtude da suspensão de nossa aliança com o CV-RJ e de algumas manifestações isoladas dos membros do CV, informamos aqui que a Família do Norte (FDN) continua unida aos seus pilares e fiel ao nosso estatuto. No momento este episódio não significa que seus membros irão desertar ou virar a casaca. Pois todos nós, que somos verdadeiros membros da FDN, jamais optaremos por nos filiar a outras facções que não representem a verdadeira luta pela paz, pela justiça e pela liberdade de todos. Não queremos aqui denegrir a gloriosa luta do CV. Contudo jamais iremos incentivar seus membros a deserção. E, aqueles que optaram e vestiram a camisa do CV agradecemos. Mas sabemos que os que são verdadeiramente FDN jamais fugirão da sua raiz (trecho de um salve, Manso, Dias, 2018, p.273-274).

Entretanto, uma suposta traição teria agravado a situação. De acordo com o delegado titular do DRCO (Delegacia de Repressão ao Crime Organizado) da polícia civil amazonense,

Guilherme Torres, a FDN teria descoberto um plano de traição arquitetado por Gelson Carnaúba, que até então era tido como um dos principais líderes da facção amazonense (Prazeres, 2018). Em concordância com o delegado, por consequência da traição, Carnaúba foi expulso da FDN e passou a ser membro da facção carioca (Prazeres, 2018). Nessa conjuntura, no dia 15 de maio de 2018 a FDN anunciou o rompimento com o CV através de outro salve que descrevia diversos erros e traições da facção carioca:

[...] Vamos deixar claro ao G (Gelson Lima Carnaúba, o Mano G) e o CV que quem manda no Amazonas é a FDN-AM, aqui é nossa disciplina vocês tentaram dar um golpe de estado mais uma vez o crime certo vai prevalecer sempre. Vocês com essa ideologia pequena nunca vão abranger e nem superar nossa luta, vamos mostrar [que vamos] defender nosso estado. Vamos pra cima de vocês com força, de forma correta já que decidiram antecipar à morte de vocês [aderindo ao CV] agora vamos mostrar pra vocês quem é quem manda aqui e à Família do Norte [...] (trecho de um salve, MANSO, DIAS, 2018, p.274).

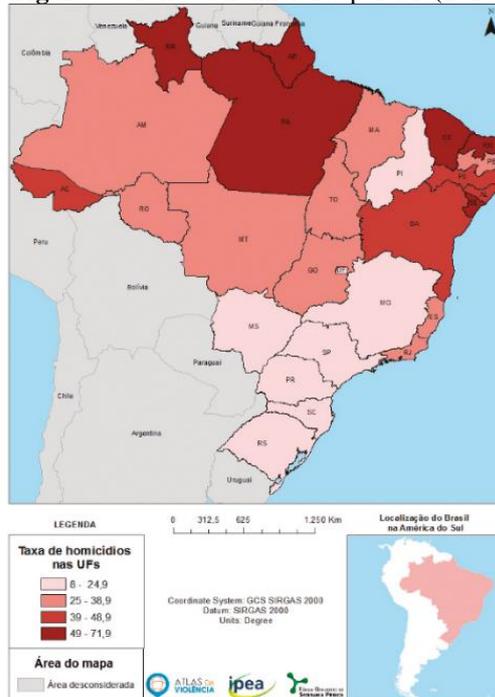
Assim, tal rompimento representou uma nova reconfiguração do conflito, uma vez que agora, seriam três facções disputando o domínio e controle da região: FDN, Comando Vermelho e PCC, acarretando mais insegurança e instabilidade para a região (Prazeres, 2018). Nesse cenário, alguns bairros de Manaus como Mutirão e Igarapé começam a apresentar um aumento significativo dos níveis de homicídios - registrando-se pelo menos um por dia - decorrentes do conflito entre essas facções por pontos de drogas (Prazeres, 2018). Outro fator preocupante foi à fuga de 35 presidiários ligados ao Comando Vermelho - de um centro de detenção provisória de Manaus - temia-se que esses presos atuassem no conflito entre essas facções (Prazeres, 2018).

Para além de Manaus, verifica-se uma ampliação da presença do PCC em estados como Roraima, a facção teria passado de 50 membros para 1.500, exercendo uma grande influência nos presídios da região (Serva, 2018). A edição 2020 do Atlas da Violência revela que em 2018, o estado teve um aumento de 51,3% no número de homicídios, em relação ao ano anterior, a principal explicação para esse índice seria o conflito entre facções em torno do controle do tráfico de drogas na região (IPEA; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020).

Em concordância com o delegado Cristiano Camapum, titular da Delegacia Geral de Homicídios de Roraima, uma parte significativa dos homicídios no estado estaria relacionada à guerra entre facções, verifica-se que grande parte das vítimas e também autores são vinculados ao crime organizado (Costa, Oliveira, 2018). O delegado enfatiza que os assassinatos começaram em 2016, como consequência do rompimento entre o PCC e CV, entretanto, eles estavam concentrados nas unidades prisionais, com o passar dos anos a disputa passou a refletir nas ruas (Costa, Oliveira, 2018). Em julho, uma série de atos de

vandalismo teriam sido atribuídos ao PCC, veículos, prédios públicos - incluindo uma delegacia da Polícia Civil - e agências bancárias foram incendiadas em Boa Vista e em cidades no interior do Estado (Brasil, Costa, 2021; Costa, Chaves, 2018). Destaca-se que Roraima é um ponto de passagem importante para o tráfico internacional de drogas (Manso apud Costa, Oliveira, 2018).

Figura 3 - Taxa de homicídios por UF (2018)



Fontes: Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica/IBGE e SIM/MS.
Elaboração: Diest/Ipea e FBSP.

No Pará, os índices de violência também são alarmantes. Em 2018 a taxa de homicídio, no estado, foi de 53,2 vítimas a cada 100 mil habitantes, totalizando 4.528 homicídios, uma média de 12 mortes violentas por dia (IPEA; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020). A situação também estaria associada às disputas de facções e a atuação de milícias e grupos de extermínios (Adorno, Amorim, 2018).

Em concordância com o pesquisador Aiala Colares, da Universidade Estadual do Pará (UEPA) o Pará também é um espaço disputado por organizações criminosas devido sua posição geográfica:

Na última década, Belém do Pará passou a ter um contexto fundamental e estratégico para o tráfico nacional e internacional de drogas, porque a cocaína que entra no Brasil a partir dos povos Andinos, pela chamada “Rota dos Solimões”, atravessa a Amazônia, passando pelo rio de mesmo nome, até chegar à capital paraense e ser distribuída para Sul e Sudeste do país, além de África e Europa (Colares apud Adorno, Amorim, 2018).

Constata-se que além do PCC, CV E FDN mais duas facções locais atuam na região do Pará: a Primeira Guerrilha do Norte (PGN) e o Comando Classe A - CCA - (Adorno, Amorim, 2018). Nota-se que entre as vítimas, para além de pessoas relacionadas a organizações criminosas, estão muitos policiais militares. O Comando Vermelho estaria exigindo - como uma forma de adesão ao grupo - uma arma pertencente a policiais militares, tornando policiais alvos diretos da violência desses grupos (Adorno, Amorim, 2018).

4.2 2019: NOVAS ESCALADAS DO CONFLITO

O ano de 2019 inicia-se com uma nova escalada do conflito. Estima-se que pelo menos 55 presos morreram durante o intervalo de tempo do dia 26 ao dia 27 de maio de 2019 (BBC News, 2019). No dia 26 de maio, uma briga entre detentos resultou em 15 mortos, em Manaus, no Complexo Penitenciário Anísio Jobim (COMPAJ)⁹ (G1, 2019a). De acordo com o secretário de Administração Penitenciária, coronel Marcos Vinicius Almeida, às vítimas apresentavam indícios de asfixia e perfurações (G1, 2019a).

Já no dia 27 ocorreram 40 mortes, foram 25 vítimas no Instituto Penal Antônio Trindade, 6 na Unidade Prisional do Puraquequara, 5 no Centro de Detenção Provisório Masculino e mais 4 no COMPAJ (BBC News, 2019). Conforme a Secretaria de Administração Penitenciária do Estado (Seap) as vítimas também apresentavam sinais de asfixia (BBC News, 2019).

Um relatório do Departamento de Inteligência Penitenciária (DIPEN), indicou que os homicídios teriam sido motivados por uma divisão na Família do Norte, João Branco, considerado um dos principais líderes da facção, estaria insatisfeito com a organização e planejava criar uma nova facção batizada de “Família do Norte Pura” (Araújo, 2019). Acredita-se que a insatisfação do criminoso estaria relacionada à maneira pela qual Zé Roberto gerenciava a FDN, principalmente no tocante a venda de drogas e a guerra com as outras facções, nota-se que a FDN estaria perdendo poder para outras facções (Araújo, 2019).

Em um salve divulgado, no dia 27 de maio, integrantes aliados de Zé Roberto explicam a divisão do grupo:

Esse salve é para expor a todos a maior conspiração de todos os tempos, toda sujeira que vamos apresentar aqui foi orquestrada pelo JB e passada através da mulher dele, a Sheila, para seus subordinados [...] tudo começou há muito tempo quando o JB decidiu que queria ser o dono de tudo. Ele sabia que para ter sucesso teria que tirar nosso número 1 de cena [...] o plano era matar de forma covarde, à base de

⁹ O COMPAJ já foi palco de um dos maiores massacres no sistema prisional brasileiro, no ano de 2017, 56 pessoas morreram devido uma rebelião. Para mais ver: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2019/05/27/massacre-em-2017-foi-o-maior-do-sistema-prisional-do-amazonas.ghtml>

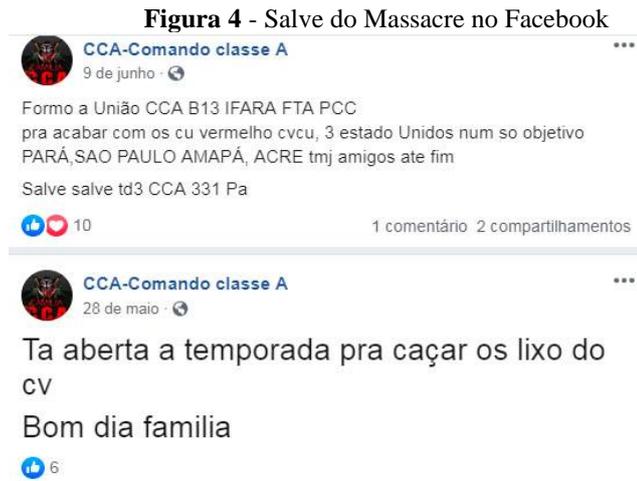
traíagem, os principais cabeças da FDN-AM [...] porém o plano não saiu como JB desejava e graças a Deus eles não conseguiram dar sequência na conspiração porque nós descobrimos (trecho de um salve, Estadão Conteúdo, 2019).

Em virtude dessas circunstâncias é importante mencionar, em concordância com Framento (2018), que os presídios são peças importantes para medir o conflito entre esses grupos. As organizações envolvidas nesse conflito, nasceram e tem grande parte de sua força nesses espaços, assim, quem consegue exercer poder nesses espaços é capaz de se impor nas ruas (Framento, 2018). Nesse contexto, ter o controle do COMPAJ seria ainda mais importante:

Quem controlar o crime, vai controlar essa rota do Solimões, você entende. Geograficamente, Manaus [...] é a capital do crime na região norte [...] Manaus, vamos dizer assim, seja o ponto mais importante da briga entre os dois [...] Há um ditado que se fala em Manaus que é o seguinte: “Quem controla o Compaj, controla Manaus e aí, por extensão, controla a região Norte” [...] Então o seguinte, se você for pensar o que é mais importante, inclusive, controlar [...] os pontos de droga ou o Compaj? O Compaj. O Compaj [...] é o ponto principal dessa guerra, você entende? Quem controla o Compaj, controla o crime em Manaus, isso é fato, isso é dito em vários depoimentos de presos naquele inquérito do massacre de Manaus. Se o PCC tomasse conta ali do Compaj [...] controlaria, mais cedo ou mais tarde a rota do Solimões, os pontos de vendas de Manaus, sabe? As rotas para outras cidades do interior, da região Norte (Costa, 2018 apud Framento, 2018, p.175).

Conforme o depoimento da família das vítimas, os presos estavam jurados de morte e pediam transferências para outras penitenciárias, mesmo assim nenhuma ação foi tomada, pelo o Estado visando evitar a situação (Albuquerque, 2019). Além disso, nota-se que a situação se refletiu nas ruas de Manaus, diversos grupos de Whatsapp compartilhavam áudios de supostos líderes da FDN determinando toque de recolher em bairros como Compensa, Novo Aleixo, Jorge Teixeira e Cidade de Deus - alguns dos mais violentos de Manaus e conhecidos por serem pontos estratégicos para essas organizações criminosas (Albuquerque, 2019).

O mês de julho foi marcado por outro massacre, desta vez em Altamira, no Pará. No dia 29 de julho de 2019, no Centro de Recuperação Regional de Altamira, um confronto entre facções deixou 57 mortos, das vítimas 41 morreram asfixiadas e 16 foram decapitadas (G1, 2019b). Os assassinatos teriam sido cometidos por líderes do CCA - facção local aliada ao PCC - contra integrantes do CV (Gazeta do Povo, 2019). Como verifica-se na imagem a seguir, os assassinatos foram anunciados com antecedência no Facebook, através de salves:



Fontes: Gazeta do Povo, 2019.

No dia 31, quatro presos - sobreviventes do ataque em Altamira - foram assassinados durante uma transferência para outra unidade prisional em Marabá (PA), aumentando o número de vítimas para 62 pessoas (Passarinho, 2019). O massacre seria mais um capítulo do conflito entre as facções na disputa pelo controle da região (Passarinho, 2019). Como mencionado anteriormente, o Pará é uma região de grande importância estratégica para o crime organizado.

Destaca-se a crueldade da ação, em vídeos divulgados nas redes sociais, é possível ver corpos decapitados e carbonizados, além de presos jogando futebol com uma das cabeças (Passarinho, 2019). Feltran (apud Passarinho, 2019) pontua que esses atos de violência extrema são estratégias usadas visando demonstrar a força da facção, exibir a cabeça do adversário seria como um símbolo de “triunfo” e o corpo esquartejado um meio de expor a submissão do adversário. O oponente é desumanizado, não é identificado como um ser humano e passa a ser visto como um “verme” ou “coisa”, o seu sofrimento não atinge os agressores (Feltran apud Passarinho, 2019).

Em outubro, outra cachina marcou a cidade de Manaus. No dia 30 de outubro, dezessete pessoas foram assassinadas por policiais militares, no bairro Crespo - zona sul de Manaus - em conformidade com a polícia, essas pessoas seriam membros da Família do Norte e estavam planejando assassinar membros do CV (Maisonave, Prestes, 2019). Nota-se que durante a ação nenhum policial foi ferido (Maisonave, Prestes, 2019). S

Segundo informações divulgadas pelo comandante geral da PM, coronel Ayrton Norte, a polícia teria recebido uma denúncia de que 50 pessoas armadas planejavam atacar um grupo rival, o grupo foi interceptado e houve troca de tiros com a polícia (G1 AM, 2019). Verifica-se que entre as vítimas está um jovem de 14 anos, residente da região, moradores destacam

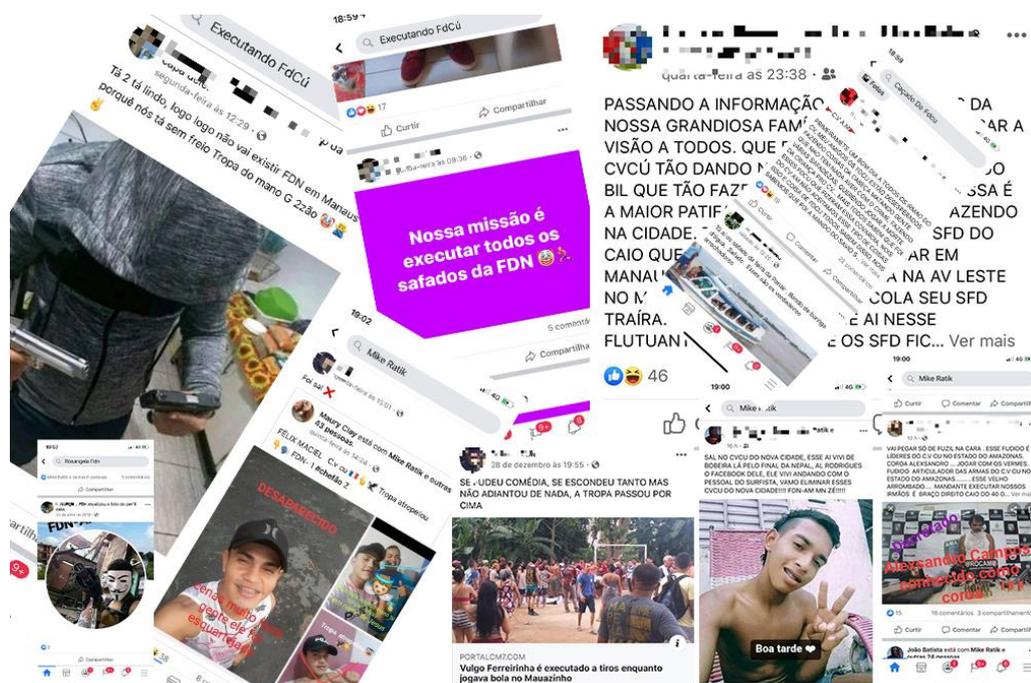
que ele não era vinculado a nenhuma facção e teria sido baleado pelas costas ao tentar fugir da confusão (Maisonave, Prestes, 2019).

4.3 2020 e 2021: EXPANSÃO DO COMANDO VERMELHO

Na cidade de Manaus, os 12 primeiros dias do ano de 2020 foram marcados por 55 mortes violentas, investigações apontam que os homicídios teriam sido motivados por disputas por pontos de vendas de drogas em comunidades entre o CV e a FDN, vídeos compartilhados em redes sociais mostram parte das vítimas sendo torturadas antes de serem assassinadas e armamentos pesados (Diário Manauara, 2020).

Durante o mês de janeiro, a cidade teve um total de 106 assassinatos, um aumento de 54% se comparado ao mesmo período do ano anterior (Maisonave, 2020). Nessa conjuntura, mensagens divulgadas por criminosos demonstram que o Comando Vermelho estaria avançado seu domínio sob a cidade (Maisonave, 2020). A cada ganho territorial muros estariam sendo pichados com a sigla do CV sobreposta a da FDN, vídeos divulgados em redes sociais mostram criminosos ligados ao CV comemorando o avanço do grupo, em um trecho é possível ouvir a afirmação de que “a favela vermelhou” (Acre Notícias, 2020). Nota-se que diversas ações violentas estariam sendo anunciadas por facções em plataformas online como o Facebook:

Figura 5 - Publicações realizadas por integrantes de facções no AM

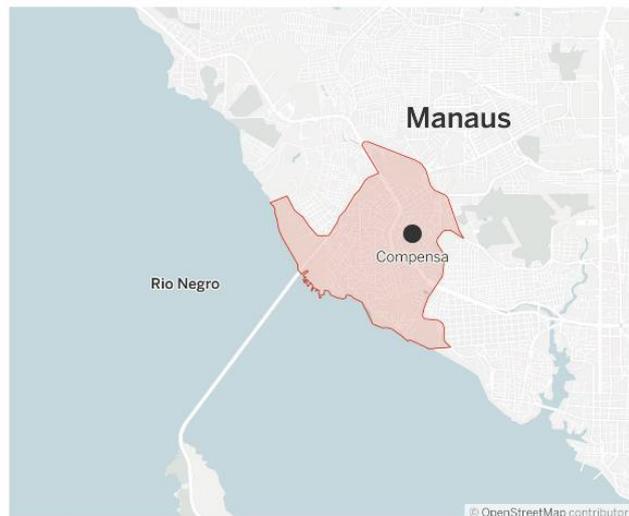


Fontes: David Batista, 2020.

Constata-se também um aumento elevado do número de homicídios, decorrentes dos confrontos, em bairros específicos de Manaus. De janeiro a agosto foram registradas 58 mortes violentas no bairro da Compensa (Antunes, 2020). O bairro teria se tornado uma das principais linhas de frente do conflito devido sua localização estratégica as margens do Rio Negro (Alessi, Rodrigues, 2021).

Figura 6 - O bairro da Compensa

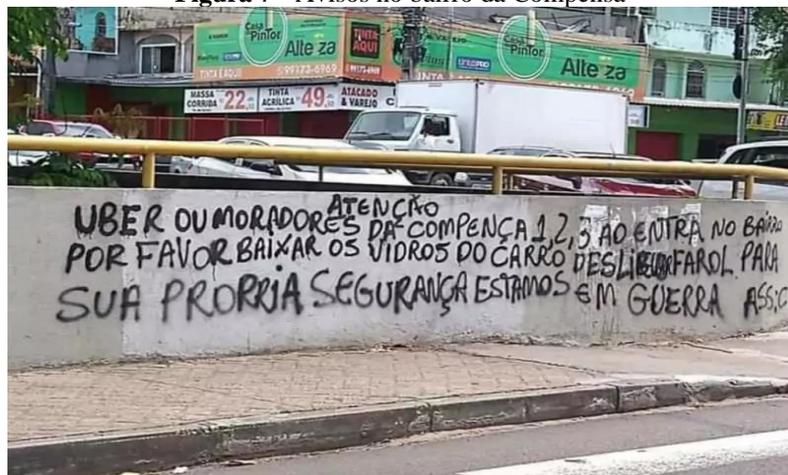
O bairro da Compensa



Fontes: Gil Alessi, Elton Rodrigues, 2021.

Para além da localização estratégica, o Compensa possuía uma importância histórica para a Família do Norte, uma vez que a facção teria sido fundada lá, e o grupo chegou a financiar um time de futebol do bairro (Alessi, Rodrigues, 2021; Polícia Federal, 2016). Nesse contexto, o Comando Vermelho estaria tentando tomar o local enquanto membros da FDN concentravam-se em manter o controle (Antunes, 2020).

Figura 7 - Avisos no bairro da Compensa



Fonte: Portal AM1.

Diante da fragilidade da situação, o Primeiro Comando da Capital também teria entrado na disputa, verifica-se também que membros da FDN estariam migrando para o CV ou PCC (Antunes, 2020). Dentro do sistema prisional do estado observa-se uma crescente predominância do Comando Vermelho, em quase todas as unidades prisionais do estado constata-se que apenas 30% dos internos do Instituto Penal Antônio Trindade (IPAT) insistiam em continuar como membros da FDN (Queiroz, 2020).

Em vista dessas considerações, é preciso destacar que o conflito tem vitimado pessoas que não possuem nenhuma relação com o tráfico. Outra grande preocupação que emerge nesse contexto, é o avanço desses grupos em territórios tradicionais. No Acre, conforme demonstra o Promotor de Justiça Juleandro Martins é cada vez mais frequente a infiltração de organizações criminosas dentro de territórios de povos originários, a situação é bastante preocupante, uma vez que, os indígenas que tentam resistir recebem ameaças de morte (Pontes, 2020).

As facções adentram esses locais devido seu acesso restrito, na maioria das vezes, para esconder suas atividades ilícitas do Estado, a densidade da floresta e a falta de policiamento facilitam esse processo (Pontes, 2020). A maior incidência dos casos é em áreas próximas à fronteira com o Peru, há relatos de que traficantes montam acampamentos em unidades de conservação e controlam as rotas de tráfico munidos de enormes quantidades de armas pesadas (Pontes, 2020).

Outra forma de adentrar áreas indígenas seria através do casamento. Como exposto pelo Promotor, criminosos buscam casar-se com mulheres indígenas com a intenção de ganhar o direito de construir uma casa na reserva, após isso, eles utilizam as terras para cultivar drogas como maconha, prometendo lucros altos e rápidos (Pontes, 2020). Nota-se que esses homens não se apresentam como membros de facção, mas como pessoas que buscam constituir uma família (Pontes, 2020).

Com o passar do tempo a relação entre o faccionado e as comunidades tradicionais torna-se violenta, os criminosos passam a intimidar e ameaçar os membros da comunidade que se opõem à situação (Pontes, 2020). Devido ao medo de sofrer represálias muitos moradores não denunciam os casos para as autoridades (Pontes, 2020). Povos da etnia Huni Kuin denunciam diversas tentativas por parte de facções de aliciar menores para o tráfico de drogas, esses jovens seriam designados para transportar drogas até os centros urbanos (Pontes, 2019).

Em agosto de 2020, dois jovens Huni Kuin foram brutalmente torturados e assassinados, as investigações apontam que as mortes estariam relacionadas ao não pagamento de dívidas com a organizações criminosas (Pontes, 2020). É preciso pontuar o abandono histórico do Estado perante as populações originárias brasileiras, a maioria dessas comunidades não possuem acesso à saúde, educação, segurança e têm seus territórios constantemente ameaçados de invasão, seja por facções criminosas ou por madeireiros e garimpos ilegais. Diante disso, reafirmamos que o crime organizado se aproveita dessas situações de violência estrutural para ganhar espaço.

Em concordância com Couto (2020) as redes e dinâmicas do tráfico atuam em diferentes escalas, sejam elas locais ou globais, assim, os grupos criminosos buscam nas particularidades de cada região uma maneira de maximizar seus interesses. Para o autor, o sucesso das atividades ilícitas depende diretamente de conexões locais, assim, esses grupos se colocam como uma forma de sobrevivência perante as comunidades marginalizadas. Dessa forma, essas organizações criminosas, se aproveitam das vulnerabilidades histórico-sociais presentes na região Norte para cooptar indivíduos para o crime, especialmente comunidades tradicionais e ribeirinhas.

O ano de 2021 inicia-se com indícios de uma predominância do Comando Vermelho no estado do Amazonas e da dissolução da Família do Norte. Em concordância com o Coronel Marcus Vinícius Oliveira de Almeida, dentro do sistema prisional o CV teria tornando-se dominante, tal preponderância estaria relacionada ao fim dos massacres nas unidades prisionais (Alessi, 2021). Conforme o Coronel a FDN teria sido extinta e parte de seus antigos integrantes incorporados ao Comando Vermelho (Alessi, 2021). Não obstante, pesquisas de campo pelo orientador da pesquisa conduzidas em outubro de 2023, demonstram que o FDN não teria sido extinta, porém sobrevive de maneira muito precária e em número reduzido nos presídios da capital do Amazonas, sob o nome de Cartel do Norte.

Em Manaus, o bairro da Compensa manteve-se como alvo de disputas entre as facções. Durante os três primeiros meses de 2021, 21 pessoas foram assassinadas no local devido aos confrontos (Marques, 2021). Mediante a gravidade da situação, iniciou-se intervenções por parte do Estado na região, em março, uma base policial foi montada no local e foram estabelecidas operações policiais onde armas de fogo foram apreendidas (Marques, 2021).

Contudo, em junho o estado viveu uma onda de vandalismo em quatro cidades - Manaus, Cacaú Pirêra, Carneiro Castanho e Parintins - após a morte de uma liderança do Comando Vermelho, Erick Batista Costa conhecido como “Dadinho”, decorrente de um

confronto com forças policiais (Brasil, Neto, 2021). A facção ateou fogo em prédios públicos, três agências bancárias e em 21 veículos: incluindo ônibus, viaturas da PM e uma ambulância do Samu (Brasil, Neto, 2021).

Dessa forma, a ação teria sido uma retaliação às forças policiais devido a morte do traficante. Contudo, em um salve divulgado pelo Comando, é apresentada a versão da facção sobre os acontecimentos, em uma parte do comunicado é relato que não houve confronto entre o traficante e policiais (BNC, 2021). Ele teria sido executado após ameaçar denunciar às autoridades uma suposta milícia comandada pelo secretário de Segurança Pública do Amazonas, Louismar Bonates (BNC, 2021):

Nossa revolta aqui é com essas autoridades a qual é comandada por este secretário de segurança chamado “Bonates” [...] dentro do estado do Amazonas se criou uma milícia na corporação da polícia militar que é comandada pelo o secretário de segurança pública [...] ontem foi executado três criminosos no município de Iranduba eles foram apreendidos pelo a rocam em um lugar com 800 quilo de droga tipo “skank” [...] executaram os três criminosos e roubaram os 800 quilo de “skank” esta drogas são vendidas pela a corporação da rocam e o dinheiro é dividido entre os comandantes da rocam e o secretário de segurança pública Bonates [...] falam que o dadinho foi preso no confronto [...] mentira o dadinho foi executado na frente da casa dos seus pais [...] no momento que mataram o dadinho ele não portava nenhuma arma [...] o dadinho a 40 dias atrás foi preso e levado até a secretaria de segurança pública [...] lá foi feito um acordo com [...] Bonates e os 4 policiais que o prenderam [...] dadinho deu 600 mil reais em dinheiro e 1.400 grama de ouro em jóias e em seguida dadinho foi liberado um dia depois o dadinho ameaçou a rocam e o secretário de segurança Bonates de denunciar eles pra corregedoria e pro ministério público estadual [...] ele ia denúncia [...] e ontem [...] o secretário “Bonates” e seus subordinados milicianos da rocam o executaram com o intuito de calar sua boca [...] o secretário de segurança Bonates fazia acordos com o narco traficantes zé roberto da compesa [...] no mês de novembro de 2020 o secretário de segurança “Bonates” procurou membro do comando vermelho através de advogados com o intuito de pedir apoio político para eleger o candidato “david” almeida a resposta que o comando vermelho mandou pro secretário de segurança Bonates foi que o comando vermelho não se envolvia com política e não apoiaria o governo do estado em eleições [...] Dia 17 de abril deste ano de 2021 8 policiais da rocam sequestrou o colombiano por nome de Ruam Dias [...] o levaram até sua residência [...] lá pegaram 180 quilo de cocaína e 230 quilo de skank e sumiram com a droga e com o colombiano [...] até a data de hoje o seu corpo nunca foi encontrado (Trecho de um salve apud BNC, 2021).

No comunicado, a facção acusa a polícia de ser responsável pelo o assassinato de outros criminosos no estado e de revender drogas apreendidas, além disso, os criminosos expõem que o secretário de Segurança Pública mantinha acordos com um dos líderes da FDN e buscava obter apoio político do CV na eleição que ocorreu no ano anterior (BNC,2021).

Paralelo ao predomínio do CV em Manaus, o Primeiro Comando da Capital teria obtido a hegemonia no estado de Roraima (Alessi, 2021). Para o Promotor Carlos Alberto

Melotto a situação é tida como preocupante, uma vez que a facção teria uma atuação mais empresarial e organizada se comparado ao CV (Alessi, 2021).

Como mencionado anteriormente, em julho de 2018, o PCC foi responsável por atos de vandalismo em Roraima, diante da gravidade da situação à Polícia Federal estabeleceu uma operação com objetivo de investigar e identificar os responsáveis pela ação (Gonçalves; Ribeiro, 2021). No entanto, durante as investigações foram encontrados indícios da atuação de integrantes do PCC em garimpos ilegais no estado, todavia, naquele momento não seria uma atuação organizada da facção e sim à presença pontual de membros que teriam optado por atuar nesses espaços (Gonçalves; Ribeiro, 2021).

Diante desse contexto, em 2021, integrantes da facção teriam ampliado sua atuação em garimpos ilegais dentro de terras indígenas Yanomamis. Informações divulgadas pela Divisão de Inteligência e Captura (Dicap) do sistema prisional de Roraima revelam que faccionados foragidos do sistema prisional teriam ido, em um primeiro momento, buscar refúgio nesses locais (Gonçalves; Ribeiro, 2021). Uma vez instalados nesses territórios, esses criminosos começaram a atuar como segurança dos garimpeiros contra indígenas e piratas, contudo, em um determinado momento eles passaram a dominar a extração de ouro (Gonçalves; Ribeiro, 2021).

Garimpeiros que atuavam no local revelam que o PCC teria dominado o garimpo na terra Yanomami, não seria possível entrar no local e trabalhar sem a autorização do grupo e sem o pagamento de pedágios, o grupo também teria como objetivo expulsar os povos indígenas do território (Brasil; Costa, 2021).

No dia 10 de maio, a aldeia Palimiu foi atacada a tiros por garimpeiros, diante da situação, os povos originários teriam reagido resultando em um confronto, nessa situação três garimpeiros foram mortos, cinco ficaram feridos e um yanomami teria sido baleado (Oliveira, 2021). No dia seguinte (11), sete agentes da polícia federal foram enviados à região para investigar a situação e foram recebidos a tiros por garimpeiros, os agentes teriam deixado a região no mesmo dia (Oliveira, 2021). Duas crianças yanomami - de um ano e outra de sete - morreram afogadas na tentativa de fugir dos tiros, em meio a um momento desesperador, várias crianças teriam corrido em direção a floresta e ficaram perdidas dentro da mata (Oliveira, Fernandes, 2021).

Para Junior Hekurari Yanomami, presidente do Conselho de Saúde Indígena local, os autores dos ataques não se tratavam apenas de garimpeiros, mas sim de pessoas faccionadas (Gonçalves; Ribeiro, 2021). Em um vídeo divulgado em comunidades virtuais, um integrante do PCC, identificado como Janderson Edmilson, aparece junto de homens fortemente

armados subindo o rio e proferindo ameaças aos indígenas “Essa porra, negócio de índio mandar, quem manda é nós [...] nós é a guerra, neguinho”¹⁰ (Costa, 2021).

O principal interesse da facção no garimpo estaria relacionado à lavagem de dinheiro, dado que o ouro ilegal é considerado uma forma mais segura de lavar dinheiro comparada a postos de gasolinas e fazendas (Gonçalves; Ribeiro, 2021). Outro interesse estaria relacionado a utilização da logística de escoamento dos produtos explorados na região - para além dos metais preciosos, cargas de madeiras - para o envio de drogas para Europa (Gonçalves; Ribeiro, 2021). Em concordância com o delegado titular da Delegacia de Repressão (DRE) da PF no Amazonas, Vitor Mota, cargas de madeira são bastante utilizadas para esconder drogas no tráfico para a Europa (Barros, 2021). As rotas de contrabando de madeira são as mesmas usadas pelo o narcotráfico e também se sobrepõem às de contrabando de minério. (Barros, 2021).

4.4 2022: AVANÇO DO COMANDO VERMELHO PARA A AMAZÔNIA PERUANA

O ano de 2022 é marcado por índices alarmantes de violência letal na região da Amazônia Legal. Dados divulgados pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023) revelam que a região possui uma taxa de violência letal 54% superior à média nacional. Uma a cada cinco mortes violentas que ocorreram no país, durante 2022, aconteceram na região. O relatório aponta que esses números estariam diretamente relacionados à intensa atuação do crime organizado na região juntamente com o crescimento dos garimpos ilegais, avanço do desmatamento e intensificação dos conflitos fundiários (Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2023).

No estado do Amazonas, o sistema prisional vive uma situação crítica, diversas denúncias acusam agentes prisionais de torturar presos, verifica-se também que as organizações criminosas estariam forçando presos não faccionados a aderirem aos grupos, sob pena de morte (Agência Pública, 2022). Nos presídios, diante do conflito entre o PCC e o CV manter uma posição de neutralidade não seria possível “ou escolhe um lado ou morre” (Agência Pública, 2022).

As facções estariam vigiando e controlando a vida de detentos e ex-detentos, a única forma de desvencilhar-se de alguma organização seria através da conversão ao cristianismo evangélico. Nesse contexto, os faccionados passam a vigiar esses indivíduos, buscando

¹⁰ O vídeo está disponível no youtube:

https://www.youtube.com/watch?v=CUWkdgg49Oo&t=25s&ab_channel=Amaz%C3%B4niaReal

evidências de que eles estão mesmo frequentando as igrejas, caso o contrário, se for comprovado que essas pessoas não se converteram e diante da recusa em atuar para as facções, elas também seriam assassinadas (Agência Pública, 2022).

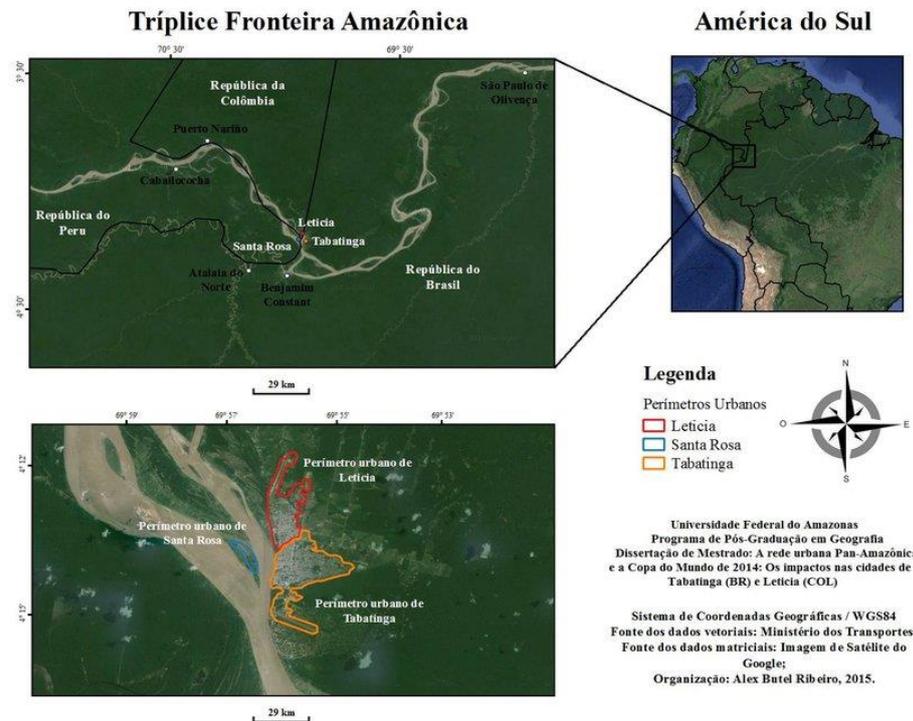
Na região fronteira do Acre com o Peru, povos originários da etnia Ashaninka estariam enfrentando constantes ameaças de organizações criminosas. Francisco Piyãko, líder da Associação Ashaninka do Rio Amônia, expõe que a comunidade estaria sendo assediada por criminosos para autorizar a construção de uma pista de pouso clandestina para o transporte de drogas dentro da reserva (Pontes, 2022).

Na tríplice fronteira, investigações indicam que o Comando Vermelho teria assumido o controle da produção de cocaína no lado Peruano, a facção estaria atuando em conjunto com grupos armados colombianos (Amâncio, Pedroso, 2023). Até 2020 parte significativa da produção de cocaína - produzida na Amazônia Peruana - era controlada por forças colombianas, contudo, entre 2020 e 2022, a facção brasileira teria expandido o seu controle sobre as plantações (Amâncio, Pedroso, 2023).

Amâncio e Pedroso (2023) destacam que na região fronteira do Brasil com o Peru o cultivo da folha de coca teria crescido de forma vertiginosa, em Ucayali e Loreto foi registrado um aumento de 65% e 35% - respectivamente - de áreas de cultivo. Antes da pandemia, na região, havia duas comunidades que cultivavam folhas de coca, contudo, no final de 2022, o número teria evoluído para seis (Amâncio, Pedroso, 2023). Verifica-se que comunidades locais indígenas tentaram resistir a essa expansão, contudo, não conseguiram fazer frente a esses atores. Mediante à ausência de forças estatais, essas comunidades não teriam a quem denunciar ou recorrer, a situação seria ainda mais grave no lado peruano (Amâncio, Pedroso, 2023).

Em meio a essa dinâmica, o PCC teria-se aliado a uma facção local denominada Os Crias para disputar o controle da região. As facções teriam como objetivo dominar o território hoje controlado pelo o CV, principalmente as áreas próximas a Caballococha e ao rio Amazonas (Amâncio, Pedroso, 2023). O CV também manteria o domínio na área correspondente ao rio Javari (Amâncio, Pedroso, 2023).

Figura 8 - Tríplice Fronteira



Fonte: Butel-Ribeiro (2015).

Investigações apontam, que no lado peruano, a Ilha de Santa Rosa seria o principal centro de abastecimento e de escoamento de drogas para Manaus e que o aumento da violência na região estaria relacionado a confrontos entre os grupos (Amâncio, Pedroso, 2023). Um policial colombiano expõe que os criminosos monitoram o movimento policial na região através de drones e aguardam à noite para entrar na região e escoar as drogas (Amâncio, Pedroso, 2023). Líderes comunitários da região apontam que a população vive amedrontada e se sente vigiada pelas facções, existe um risco muito grande em comentar e expor a presença desses grupos, eles possuem uma ampla rede de informantes observando tudo o que acontece no local (Amâncio, Pedroso, 2023).

CONCLUSÃO

Este artigo buscou examinar o desenvolvimento do conflito entre o Crime Organizado Transnacional na região Amazônica brasileira. Consta-se que o período que percorre do ano de 2018 a 2022 é marcado pela continuação do conflito, com períodos de extrema violência. Os confrontos entre esses atores resultaram em níveis acentuados de violência na região, para além da violência direta, às organizações criminosas também reproduzem a violência estrutural e cultural.

Em um primeiro momento, o estudo demonstra que as principais organizações criminosas brasileiras são fruto da violência ao passo que perpetuam um cenário complexo de violência. A atuação desses grupos está intrinsecamente voltada à manutenção dos seus interesses, como demonstrado em situações nas quais os interesses desses atores foram ameaçados, a violência foi utilizada de forma ampla.

A princípio a expansão desses grupos, para a região norte, objetivava diminuir intermediários nas etapas de comercialização das substâncias ilícitas. As facções visavam ter o controle das etapas da comercialização dos entorpecentes e o domínio sobre os principais canais de distribuição, contudo, a ampliação da atuação do Comando Vermelho para etapas de produção é um indício de que esses grupos buscam ampliar ainda mais sua atuação e dominar todos os ciclos das drogas, desde produção à comercialização e abastecimento.

Ao longo desta pesquisa é possível observar que a região Amazônica é bastante afetada pela violência decorrente da atuação e embates desses atores. A crescente associação do crime organizado a atividades ilícitas ambientais torna a situação ainda mais complexa e violenta. O avanço dessas facções em territórios indígenas é uma situação crítica que reflete na sociedade como um todo.

Destaca-se que esses grupos emergem e exercem poder justamente nos espaços onde a atuação do Estado é deficitária, a violência estrutural presente na sociedade brasileira está diretamente conectada à eclosão de diversas atividades criminosas no país. Nesse contexto, as principais facções brasileiras surgem para garantir a ordem interna e a segurança dos presos, uma função que constitucionalmente é responsabilidade do Estado. Fora das prisões esses atores passam a exercer poder em comunidades que carecem direitos básicos como acesso à educação, saúde e segurança, a situação de abandono estatal é ainda mais intensa e visível nas comunidades da Amazônia brasileira.

O trabalho também demonstra o caráter transnacional da atuação desses grupos, uma vez que se reflete para além das fronteiras. Como demonstrado, as facções brasileiras atuam conjuntamente com organizações provenientes de outros países, operam rotas de tráfico internacional e no caso do Comando Vermelho controlam parte da produção da folha de coca no Peru. Nota-se que os territórios indígenas invadidos não se limitam às fronteiras nacionais, o território Yanomami, por exemplo, é situado entre o Brasil e a Venezuela.

As evidências apresentadas indicam que atualmente o Comando Vermelho detém um controle maior do tráfico na região frente às outras facções. Todavia, é um domínio instável, visto que esse controle ainda é objeto de disputa. Nesse sentido, verifica-se a instabilidade da situação, uma vez que as dinâmicas do conflito se alteram em uma frequência vertiginosa.

Conforme mencionado, o principal objetivo desses grupos é obter ganhos financeiros através do tráfico de drogas. Nesse sentido, o domínio de rotas como a do Solimões possibilita uma maior margem de lucros para essas organizações. Nesse contexto, o conflito tende a continuar até que uma das facções consiga tornar-se hegemônica na região e elimine as rivais.

Diante dessa perspectiva, quando uma organização obtiver hegemonia na região, os índices de violência tenderão a diminuir. Como demonstra Biderman et al (2019) a hegemonia do PCC em São Paulo provocou uma redução dos índices de crimes violentos nas favelas e em seus entornos.

Por fim, é importante mencionar que o presente trabalho oferece uma contribuição significativa para os Estudos Para a Paz. Ao analisar os conflitos entre organizações criminosas na Amazonia legal e evidenciar o impacto da atuação desses grupos sobre a sociedade, esse estudo fornece insights que podem ser incorporados em futuras agendas de pesquisas. Devido a ausência de literaturas que abordem a atuação e os impactos desses atores na Amazonia legal, o presente trabalho fornece um ponto de partida valioso para futuras investigações.

REFERÊNCIAS

ACRE NOTÍCIAS. **Vídeos:** Comando Vermelho desbanca FDN e comemora com fogos em Manaus, 2020. Disponível em: <https://www.acre.com.br/videos-comando-vermelho-desbanca-fdn-e-comemora-com-fogos-em-manaus/> Acesso em: 11 de out de 2023.

ADORNO, Luís; AMORIM, Kleyton. No fogo cruzado do Pará. **UOL notícias**, 2018. Disponível em: <https://www.uol/noticias/especiais/no-fogo-cruzado-do-para.htm#no-fogo-cruzado-do-para> Acesso em: 10 de out de 2023.

ALBUQUERQUE, Liege. Racha em facção aprofunda a crise crônica nas penitenciárias de Manaus. **EL PAÍS**, 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/29/politica/1559086144_880397.html Acesso em: 10 de out de 2023.

ALESSI, Gil. Após anos de massacres, hegemonia das facções reduz homicídios em prisões do Amazonas e Roraima. **El País**, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-02-25/apos-anos-de-massacres-hegemonia-das-faccoes-zera-homicidios-em-prisoos-do-amazonas-e-roraima.html> Acesso em: 12 de out de 2023.

ALESSI, Gil; RODRIGUES, Elton. Linha de frente na guerra entre facções no Amazonas, bairro da Compensa em Manaus vive dias sangrentos. **EL PAÍS**, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-04-28/linha-de-frente-na-guerra-entre-faccoes-no-amazonas-bairro-da-compensa-em-manaus-vive-dias-sangrentos.html>

AMANCIO, Nelly Luna; PEDROSO, Rodrigo. Frontera Amazónica: grupos criminales de Brasil toman el control de la producción de coca en Perú. **OjoPúblico**, 2023. Disponível em: <https://ojo-publico.com/4545/triple-frontera-mafias-brasil-toman-control-produccion-coca>

AMANCIO, Nelly Luna; PEDROSO, Rodrigo. Frontera Amazónica: grupos criminales de Brasil toman el control de la producción de coca en Perú. **OjoPúblico**, 2023. Disponível em: <https://ojo-publico.com/4545/triple-frontera-mafias-brasil-toman-control-produccion-coca>

AMORIM, Carlos. **Comando Vermelho:** a história secreta do crime organizado. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.

ANTUNES, Josemar. Guerra entre facções está ligada a quase 60 mortes no bairro Compensa. **AM1**, 2020. Disponível em: <https://amazonas1.com.br/guerra-entre-faccoes-esta-ligada-a-quase-60-mortes-no-bairro-compensa/> Acesso em: 10 de out de 2023.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023.

ARAÚJO, Osny. FDN x FDN: Desentendimento entre João Branco e Zé Roberto motivou a matança nos presídios em Manaus. **Amazônia na rede**, 2019. Disponível em: <https://amazonianarede.com.br/fdn-x-fdn-desentendimento-entre-joao-branco-e-ze-roberto-motivou-a-matanca-nos-presidios-em-manaus/> Acesso em: 10 de out de 2023.

ATLAS DA VIOLÊNCIA 2020. Principais resultados. Brasília: Fórum Brasileiro de Segurança Pública/ IPEA, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10214/1/AtlasViolencia2020.pdf>

BANFIELD, Jessie. **Crime and conflict: the new challenge for peacebuilding**. London: International Alert, 2014.

BARROS, Ciro. Saiba como é a íntima relação entre cocaína e madeira ilegal na Amazônia. Brasil de Fato, 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/08/18/saiba-como-e-a-intima-relacao-entre-cocaina-e-madeira-ilegal-na-amazonia> Acesso em: 12 de out de 2023.

BATISTA, David. Rede social usada por facções criminosas no Amazonas para anunciar e propagar crimes. Veja como. **Portal Marcos Santos**, 2020. Disponível em: <https://www.portalmarcossantos.com.br/2020/01/17/rede-social-usada-por-faccoes-criminosas-no-amazonas-para-anunciar-e-propagar-crimes-veja-como/> Acesso em: 11 de out de 2023.

BATTAGLINO, J. M.. The coexistence of peace and conflict in South America: toward a new conceptualization of types of peace. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 55, n. 2, p. 131–151, jul. 2012.

BIDERMAN, Ciro et al. Pax Monopolista and Crime: The Case of the Emergence of the Primeiro Comando da Capital in São Paulo. **Journal of Quantitative Criminology**, v. 35, n. 3, p. 573-605, 2019.

BNC. **Comando Vermelho ameaça secretário e dá versão da morte de “Dadinho”**. 2021. Disponível em: https://bncamazonas.com.br/ta_na_midia/comando-vermelho-ameaca-secretario-dadinho/

BRASIL, Kátia; COSTA, Emily. Como o PCC se infiltrou nos garimpos em Roraima. Amazônia Real, 2021. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/como-o-pcc-se-infiltrou-nos-garimpos-em-roraima/> Acesso em: 12 de out de 2023.

BRASIL, Kátia; NETO, Cícero Pedrosa. Manaus e mais três cidades do Amazonas são atacadas pelo Comando Vermelho. Amazônia Real, 2021. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/manaus-e-mais-tres-cidades-do-amazonas-sao-atacadas-pelo-comando-vermelho/> Acesso em: 12 de out de 2023.

BRASIL. Polícia Federal. Superintendência Regional no Amazonas. **Operação La Muralla**. Manaus: Delegacia de Repressão a Entorpecentes, 2016.

COSTA, Emily. PCC amplia atuação na Terra Indígena Yanomami. Amazônia Real, 2021. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/pcc-amplia-atuacao-na-terra-indigena-yanomami/>

COSTA, Emily; CHAVES, Alan. Criminosos fazem ataques em Roraima a mando de facção, diz PM. **G1 RR**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2018/07/30/criminosos-fazem-ataques-incendiarios-em-roraima-a-mando-de-facao-diz-pm.ghtml>

COSTA, Emily; OLIVEIRA, Valéria. Guerra entre facções rivais faz disparar índices de homicídios em Boa Vista. **G1**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/guerra-entre-faccoes-rivais-faz-disparar-indices-de-homicidios-em-boa-vista.ghtml> Acesso em: 10 de out de 2023.

COUTO, Aiala Colares. Ameaça e caráter transnacional do narcotráfico na Amazônia brasileira. **Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia**, n. 44, 2020.

DIÁRIO MANAUARA. **Manaus registra 55 mortes violentas nos 12 primeiros dias do ano**. 2020. Disponível em: <https://diariomanauara.com.br/policia/manaus-registra-55-mortes-violentas-nos-12-primeiros-dias-do-ano> Acesso em: 11 de out de 2023.

ESTADÃO CONTEÚDO. 'Salve' de criminosos expõe racha em maior facção do Norte. Estado de Minas, 2019. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2019/05/31/interna_nacional,1058172/salve-de-criminosos-expoe-racha-em-maior-facciao-do-norte.shtml Acesso em: 10 de out de 2023.

FERREIRA, Marcos Alan S. V. As origens dos Estudos para a Paz e seus conceitos elementares: paz, violência, conflito e guerra. In: FERREIRA, Marcos Allan S. V.; MASCHIETTO, Roberta H.; KUHLMANN Paulo R. L. **Estudos para a paz: conceitos e debates**. São Cristóvão-SE: Ed. UFS, 2019. p.47-83.

FERREIRA, Marcos Alan S. V.; RICHMOND, Oliver P. Blockages to Peace Formation in Latin America: The Role of Criminal Governance. *Journal of Intervention and Statebuilding*, v. 15, n. 2, p. 161-180, 2021.

FERREIRA, Marcos Alan S.V. **Estudos Críticos da Paz e Crime Organizado Transnacional**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 113, p. 29-50, 2017.

FERREIRA, Marcos Alan S.V.; FRAGMENTO, Rodrigo. Degradação da Paz no Norte do Brasil: o conflito entre Primeiro Comando da Capital (PCC) e Família do Norte (FDN). **Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais**, v. 4, n. 2, p. 91-114, 2019.

FERREIRA, Marcos Alan SV. Brazilian criminal organizations as transnational violent non-state actors: a case study of the Primeiro Comando da Capital (PCC). **Trends in Organized Crime**, v. 22, n. 2, p. 148-165, 2019.

FERREIRA, Marcos Alan; GONÇALVES, Anna Beatriz. Criminal governance and systems of parallel justice: Practice and implications in Brazilian urban peripheries. *International Journal of Law, Crime and Justice*, v. 68, p. 100519, 2022.

FRAGMENTO, Rodrigo de Souza. **A degradação da paz no norte do Brasil: um exame a partir da violência entre Primeiro Comando da Capital (PCC) e Família do Norte (FDN)**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/13828>

G1 AM. Polícia mata 17 em Manaus; secretário diz que houve troca de tiros com facção. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2019/10/30/troca-de-tiros-deixa-17-suspeitos-mortos-na-zona-sul-de-manauas.ghtml> Acesso em: 11 de out de 2023.

G1. **Briga entre detentos deixa 15 mortos no Compaj, diz governo**. 2019a. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2019/05/26/briga-entre-detentos-resulta-em-15-mortos-no-compaj-afirma-seap.ghtml> Acesso em: 10 de out de 2023.

G1. **Massacre em presídio no Pará é um dos maiores desde Carandiru.** 2019b. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/29/massacre-em-presidio-no-para-e-um-dos-maiores-desde-carandiru.ghtml> Acesso em: 10 de out de 2023.

GALTUNG, Johan. Cultural Violence. **Journal of Peace Research**, v. 27, n. 3, 1990, p. 291-305.

GALTUNG, Johan. Violência, paz e pesquisa para a paz. **Journal of Peace Research**, v. 6, n. 3, pág. 167-191, 1969.

GAZETA DO POVO. **O Comando Classe A anunciou mortes do CV no Facebook. Inteligência diz que “não sabia”.** 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/comando-classe-a-comando-vermelho-facebook-mortes/> Acesso em: 10 de out de 2023.

GONÇALVES, Eduardo; RIBEIRO, Aline. ‘Nós é a guerra’: Crime organizado avança sobre os garimpos ilegais da Amazônia. **O Globo**, 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/seguranca-publica/nos-a-guerra-crime-organizado-avanca-sobre-os-garimpos-ilegais-da-amazonia-25260890> Acesso em: 12 de out de 2023.

LESSING, Benjamin. Conceptualizing Criminal Governance. **Perspectives on Politics**, p. 1-20, 2020.

LIMA, Renato Sérgio et al. CARTOGRAFIAS DAS VIOLÊNCIAS NA REGIÃO AMAZÔNICA: Relatório Final. **fórum Brasileiro de Segurança Pública**, 2021. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/cartografias-das-violencias-na-regiao-amazonica/

LIMA, William da Silva. **Quatrocentos contra um: uma história do comando vermelho** 3. ed. Rio de Janeiro : ANF Produções, 2016.

MAISONNAVE, Fabiano. Comando Vermelho toma Manaus em meio a onda de assassinatos. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/02/comando-vermelho-toma-manaus-em-meio-a-onda-de-assassinatos.shtml> Acesso em: 11 de out de 2023.

MAISONNAVE, Fabiano; PRESTES, Mônica. Polícia Militar mata 17 pessoas em Manaus. **Folha de São Paulo**, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/10/policia-militar-mata-ao-menos-17-pessoas-em-manaus.shtml> Acesso em: 11 de out de 2023.

MANSO, Bruno Paes; DIAS, Camila Nunes. **A guerra: a ascensão do PCC e o mundo do crime no Brasil**. Editora Todavia SA, 2018.

MARQUES, Patrick. Onda de violência na Compensa, em Manaus, já deixou ao menos 21 mortos neste ano. **G1**, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/03/18/onda-de-violencia-na-compensa-em-manaus-ja-deixou-ao-menos-21-mortos-neste-ano.ghtml> Acesso em: 12 de out de 2023.

MARTINS, Dyepeson. “Ou escolhe um lado ou morre”: facções pressionam detentos e ex-presidiários no Amazonas. Agência Pública, 2022. Disponível em:

<https://apublica.org/2022/05/ou-escolhe-um-lado-ou-morre-faccoes-pressionam-detentos-e-ex-presidiarios-no-amazonas/#Vigil%C3%A2ncia> Acesso em: 13 de out de 2023.

MARTINS, Dyepeson. “Ou escolhe um lado ou morre”: facções pressionam detentos e ex-presidiários no Amazonas. Agência Pública, 2022. Disponível em: <https://apublica.org/2022/05/ou-escolhe-um-lado-ou-morre-faccoes-pressionam-detentos-e-ex-presidiarios-no-amazonas/#Vigil%C3%A2ncia> Acesso em: 13 de out de 2023.

OLIVEIRA, Gilberto Carvalho. **Estudos da Paz: origens, desenvolvimentos e desafios críticos atuais**. Carta Internacional, v. 12, n. 1, p. 148-172, 2017.

OLIVEIRA, Valéria. Conflito na Terra Yanomami: 3 pontos para entender o confronto entre garimpeiros e indígenas. **G1 RR**, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/05/13/conflito-na-terra-yanomami-3-pontos-para-entender-o-confronto-entre-garimpeiros-e-indigenas.ghtml> Acesso em: 12 de out de 2023.

OLIVEIRA, Valéria; FERNANDES, Vanessa. Líderes indígenas relatam mortes de duas crianças após ataque de garimpeiros na Terra Yanomami, diz associação. **G1 RR**, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/05/15/lideres-indigenas-relatam-mortes-de-duas-criancas-em-conflitos-na-terra-yanomami-diz-associao.ghtml> Acesso em: 12 de out de 2023.

PASSARINHO, Nathalia. Cabeças cortadas, corpos carbonizados - o que está por trás da violência extrema na guerra de facções. **BBC News**, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49181204> Acesso em: 10 de out de 2023.

PONTES, Fábio. ALDEIAS NA MIRA DO TRÁFICO. **PIAUI**, 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/aldeias-na-mira-do-traffic/>

PONTES, Fábio. Narcotráfico ameaça territórios de povos tradicionais na Amazônia. **Amazônia Real**, 2022. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/narcotrafico-ameaca-amazonia/> Acesso em: 13 de out de 2023.

PONTES, Fábio. Narcotráfico ameaça territórios de povos tradicionais na Amazônia. **Amazônia Real**, 2022. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/narcotrafico-ameaca-amazonia/> Acesso em: 13 de out de 2023.

PRAZERES, Leandro. Facções Comando Vermelho e FDN rompem aliança e aumentam disputa pelo tráfico na Amazônia. **UOL**, Brasília, 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/05/14/faccoes-comando-vermelho-e-fdn-rompem-alianca-e-aumentam-disputa-pelo-traffic-na-amazonia.htm> Acesso em: 10 de out de 2023.

QUEIROZ, Joana. Inteligência detecta sinais de trégua entre facções em possível união dos líderes. **À CRÍTICA**, 2020. Disponível em: <https://www.acritica.com/manaus/inteligencia-detecta-sinais-de-tregua-entre-facc-es-em-possivel-uni-o-de-lideres-1.48984> Acesso em: 11 de out de 2023.

SCHNECKENER, Ulrich. Spoilers or governance actors?: Engaging armed non-state groups in areas of limited statehood. 2009.

STAHLBERG, Stephanie G. From prison gangs to transnational mafia: the expansion of organized crime in Brazil. *Trends in Organized Crime*, v. 25, n. 4, p. 443-465, 2022.

SERVA, Leão. PCC cresce de 50 para 1.500 membros em Roraima em apenas quatro anos. **Folha de S. Paulo**, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/12/pcc-cresce-de-50-para-1500-membros-em-roraima-em-apenas-quatro-anos.shtml>. Acesso em: 10 de out de 2023.

TEIXEIRA, Janilson Campos. O avanço do Primeiro Comando da Capital rumo à Região Norte do país e o papel do Exército Brasileiro para frear esta expansão. 2020

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. **Global study on homicide 2019**. UN, 2019.

WILLIAMS, Phil. 2008. “Violent Non-State Actors and National and International Security.” *International Relations and Security Network*, 2008. Zurich: Swiss Federal Institute of Technology.